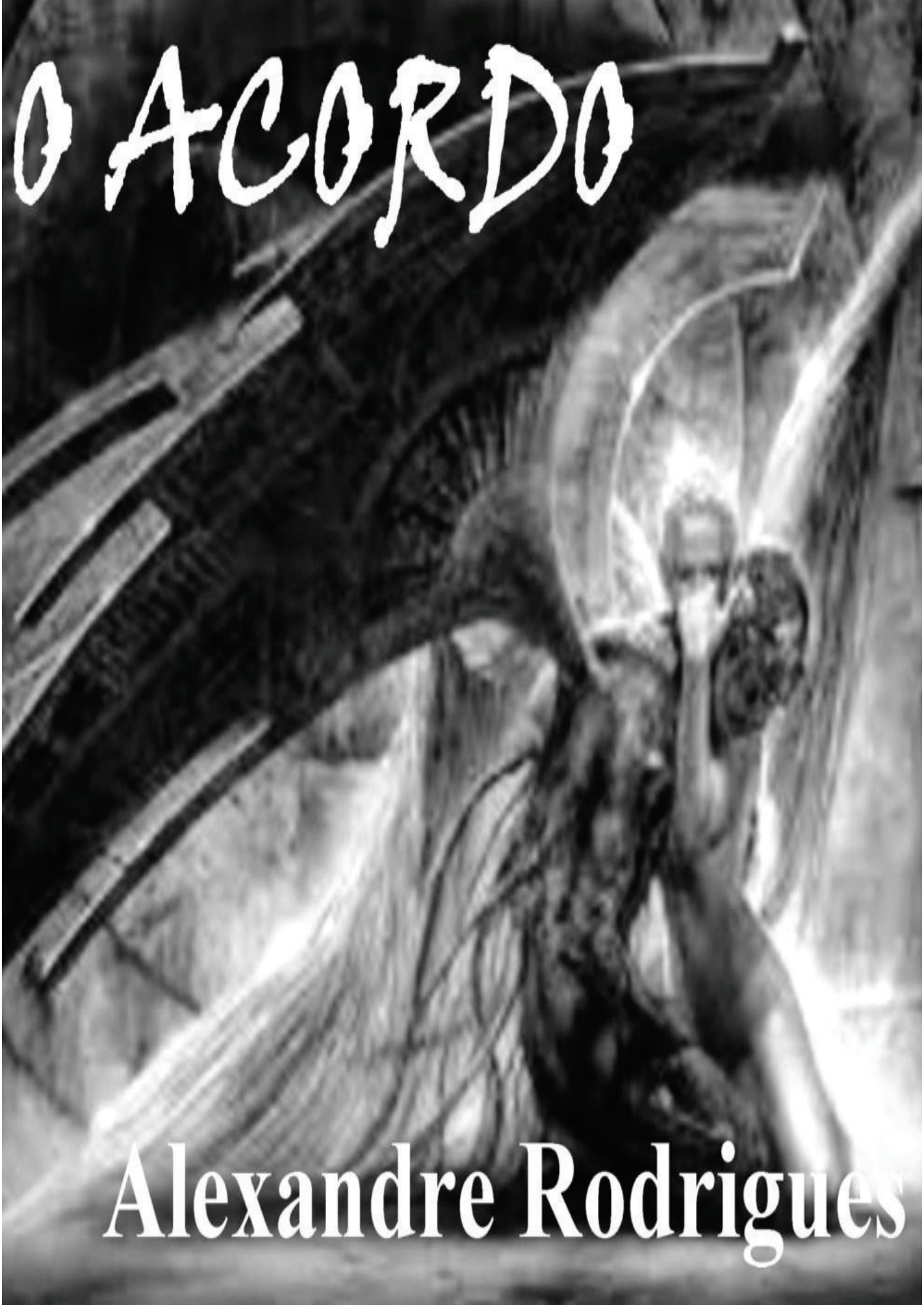

O ACORDO
Alexandre Rodrigues

Alexandre Rodrigues

O ACORDO

Dedicado a W.F.C.,
que esteve
perto de mim
e hoje está perto dos anjos.

Nota do Autor:

Sei que é estranho um homem escrever sobre esse assunto, mas acredito que todos devemos quebrar preconceitos e paradigmas antigos.

As pessoas costumam pensar que a vida fica mais fácil quando você amadurece. Pura ilusão, nada é fácil na vida e com o meu desenvolvimento não foi diferente. Tive que passar por vários estágios e por várias decepções.

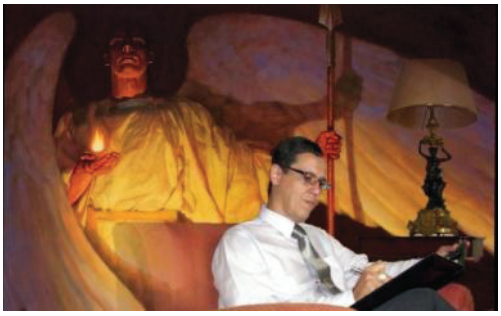
Não existem males, apenas reações, não existe pobreza material, apenas a covardia de não correr atrás de seu DOM pessoal. E demônios existem, mas olhem pelo outro lado, anjos também. E neste tempo todo de ensinamentos, quando converso com os anjos, eu sinto uma imensa alegria em meu interior. Fazer um livro sobre eles é prazeroso e quase necessário.

Hoje faço o que amo e estou em paz.

Tente descobrir o que é ficção e o que é realidade aqui, a linha que as separa é tênue como a vida.

Boa leitura.

O Autor.



primeirohorizonte@yahoo.com.br

"Tudo que o Homem precisa está dentro de seu coração, mas o Homem se esqueceu disto. Quando encontrar tornar-se-á igual ao Pai que o criou".

Palavras do Anjo Guardião

Prólogo

Todos nós temos segredos. Alguns simples e outros que nos aterrorizam pelo resto da vida. Eu tenho o meu. E só posso dividir com certas pessoas.

Meu nome é ARTHMES e minha história é muito antiga. Lembro quando Lúcifer nos convocou e disse que poderíamos ter uma alma, livre arbítrio e decidir sobre o bem e o mal. Que éramos mais que os Seres Humanos. Porém, para ter estes direitos, deveríamos conquistá-los e não pedir, pois eles o tiveram de graça, mas a nós foi negado.

Então nos lançamos e a Batalha do Céu começou.

É. Sou um anjo e apoiava Lúcifer.

Quando tudo terminou, estávamos derrotados. Tivemos muitas baixas, mas Miguel Arcanjo, que estava do outro lado, também teve. Vi bons amigos desaparecerem e comecei a pensar se tudo aquilo tinha valido a pena. Mas já era tarde, tínhamos sido derrotados. Cortamos o céu como estrelas cadentes e fomos precipitados na Terra. Um outro plano, um outro reino.

No início pensamos que "ELE" havia se enganado, nos enviando para a Terra; mas não, continuávamos sem alma e os mortais nunca nos aceitariam. Então por vingança passamos a influenciar e a tentar os Seres Humanos. Seríamos melhores, pois podíamos decidir agora. Tornamo-nos especialistas em ganância, egoísmo, orgulho, raiva, medo, ódio e tudo que é considerado negativo pela humanidade.

Estranhamente muitos mortais fizeram tratos conosco. A maioria das vezes, para conseguir objetos materiais.

Nos deram nomes e aspectos assustadores, principalmente os ocidentais. Nós ríamos disso enquanto a quantidade de

seguidores aumentava a cada dia. Conheci as várias religiões do mundo e os chamados grandes homens. Mas gostávamos mesmo era dos pequenos homens, sempre em lugares de destaque para o povo, mas, no fundo, egoístas ambiciosos, interessados em poder a qualquer preço.

Certa vez um desses grandes homens me chamou a atenção, o que não era normal. Comecei a acompanhá-lo depois dos quarenta dias no deserto, ouvi suas bem-aventuranças e vi seu sorriso várias vezes até o dia em que foi crucificado.

Os outros demônios disseram que, apesar deste mensageiro, o Ser Humano não mudaria porque tinha medo de se tornar igual a ele e compartilhar do mesmo destino. Preferiam continuar no protegido lugar de filhos, esquecendo que todos um dia se transformam em pais e que tomarão decisões que afetarão o destino de todo este planeta.

A partir daí eu e os "outros" tivemos épocas de grandes colheitas e, com certeza, a chamada Santa Inquisição foi a melhor para aumentar nossas fileiras.

Mas espere!

Não confunda. Não estou falando das pessoas queimadas, como bruxos e feiticeiras, mas dos clérigos e políticos que as mandavam para a fogueira. Guerras do Velho Mundo, guerra do Novo Mundo, guerra entre nações, 1ª e 2ª grandes guerras e outras menores. Faz quase 2.000 anos que escutei o mensageiro da paz, e agora um imenso tédio estava tomando conta de mim. Já não executava as tarefas com tanto prazer, e Lúcifer..., já não era o mesmo. Não havia pretensões de melhoras como no início, apenas vingança. Cada mortal tinha a seu lado um anjo e um demônio. Um anjo da guarda e um demônio pessoal, daí o Homem exercia seu livre arbítrio. Nosso trabalho se resumiu a manter e consumir a

energia que os mortais nos enviavam com seus pensamentos e suas mortes. Na verdade, cansei de tudo aquilo, de uma eternidade sem metas e sem sorrisos. Estranho. Tudo que é feito para proveito próprio sempre tem um fim.

Lúcifer me chamou a sua presença e ficamos nos encarando sem dizer nada. Ele virou-se para trás e eu o acompanhei com o olhar. Vimos tudo que tínhamos construído. Ele tornou a olhar para mim. Mirei fundo em seus olhos verdes e ele nos meus, então virei-lhe as costas e saí dali, sabendo que com esta atitude jamais poderia voltar. Fui para uma alta montanha perto do mar e ali, pela primeira vez em muitos séculos, olhei o Mundo sem vingança e sem rancor. Então..., comecei a sorrir, não havia "outros".

Eu estava só.

Lembrei-me de tudo que havia ocorrido desde que decaímos e fiquei alguns anos naquele lugar, até a noite em que o Mundo faria 2.000 anos do nascimento do mensageiro da paz. Naquela noite, terminei minhas tristes lembranças. Foi quando senti algo em meu rosto, mas..., não podia ser! Não sentimos nada, dor, fome, sede, nada! Passei a mão no rosto e havia..., uma lágrima! Por um instante fiquei olhando aquela gota que brilhava como um cristal. Não conseguia dizer nada. Era..., impossível.

– Impossível! – falei em voz baixa e incrédulo.

Senti então uma poderosa presença atrás de mim. Vagarosamente, olhei e lá estava ele, com todo seu resplendor. Como no dia em que decaímos, Miguel Arcanjo. Ele fez um sinal para segui-lo e eu fui. Faltavam poucos minutos para o Ano Novo mortal. Miguel e eu passamos por vários países como estrelas cadentes e vimos suas comemorações. Quando o Sol nasceu,

estávamos em uma praia deserta. Miguel, de costas para o mar, olhava para mim.

– Já faz muito tempo, Miguel – ele não me respondeu. Quando falou sua voz parecia vir de todos os lados, preenchendo o local.

– O Senhor dos Mundos me enviou. “ELE”, que é onipresente e sabe tudo o que acontece em todos os lugares do infinito Universo, também conhece suas criaturas. “ELE” é a justiça e também o amor, as duas medidas sempre serão equivalentes. Arthmes! Tu, que já fizeste parte das Luzes Celestiais e das Hordas Infernais, o Senhor te chama para se redimir ante aqueles que mais prejudicou. Você aceita?

– O que tenho que fazer?

– Até o final deste ano, mortais abrirão uma porta para o Mundo do Astral e um demônio pessoal entrará para esta realidade. Seu trabalho é trazê-lo de volta.

– Como poderei fazer isso? – mas ele continuou.

– Perderá metade de seus poderes, sentirá dor, mais não morrerá por nenhum ferimento, não terá fome ou sono, não realizará milagres, será visto e ouvido e terá que se deslocar de um lugar para outro como todos os mortais.

– E o outro?

– O demônio é limitado como você. Não pode matar com as próprias mãos, mas seu poder de persuasão é muito grande, como você deve saber.

É. Eu realmente sabia ao que ele estava se referindo. Por séculos me utilizei desse poder para a sedução dos mortais.

– Você aceita? – perguntou novamente Miguel.

– Já faz muito tempo meu amigo.

Senti que a frase emocionada o desnorteou. Anjos têm afinidade vibracional e são formados de amor. Uma energia de transformação eternamente em movimento, a própria essência divina. Mas não sabem o futuro ou o que vamos dizer. Só o sabem quando "ELE" permite.

- Sim, Miguel – completei. - Eu aceito.

Teria sido impressão? Achei que Miguel tinha suspirado de alívio pela minha resposta e dei uma risadinha com aquilo. Anjos não riem, são felizes, demônios riem, mas não são felizes.

Miguel abriu os braços e olhou para o mar na direção do Sol nascente.

– Que o acordo com a Luz seja agora aceito – disse Miguel em voz alta e mãos postas.

O Sol que estava a sua frente começou a ficar com um brilho mais intenso. Primeiro escondeu a imagem de Miguel, depois o Mundo ao seu redor. A luz era branca com raios dourados e, mesmo de olhos fechados, eu conseguia vê-la, a música das esferas preencheu todo o lugar e senti uma grande energia saindo de mim, mas também um grande poder entrando como se estivesse sendo lavado e ao mesmo tempo recuperando uma parte minha a muito perdida. E o acordo foi feito.

Todos nós temos segredos. Alguns simples, outros que nos aterrorizam pelo resto da vida. Já pertenci a dois reinos e agora não sou de nenhum. O que eu tive -– o primeiro por graça e o segundo por merecimento – não tenho mais. Agora tudo deve ser conquistado. Este é o meu segredo e só posso dividir com certas pessoas.

– É? E por que justamente comigo? -

PRIMEIRO MOVIMENTO

DESCOBRIMENTO

América do Sul, 25 de setembro do ano 2.000.

– Não sei.

- Há! Me deixa adivinhar. O Todo Poderoso veio até você e disse: “Vai até aquele bar imundo, lá encontrará na última mesa um bêbado, um escritor frustrado com nome de anjo. Pegue ele, leve pra casa e, quando acordar, diga: “Sou um anjo!”Aliás, não sei bem o que você é, já esteve lá em cima e também embaixo mais... “Sou um anjo e quero conversar com você para juntos destruirmos o anticristo”.

Seu nome é Gabriel, 33 anos, magro, cabelo curto castanho escuro, escritor por profissão, bêbado por opção.

– Olha só. Eu te agradeço porque me trouxe para casa, Arthmos, Ar... tos...

– Arthmes.

– É! Arthmes. Obrigado. Agora, de verdade, como me encontrou?

Gabriel sentou no sofá velho com um café. Seu apartamento era pequeno e a maioria das coisas não estavam no lugar certo, uma verdadeira bagunça. Até os quadros estavam tortos. Um deles se desprendeu e caiu, Gabriel nem procurou olhar pra trás apesar do barulho.

– Não liga, isso acontece sempre. Agora quer responder minha pergunta?

– Na verdade você não está muito longe do que aconteceu. Quando me separei de Miguel, notei que estava na África e segui para a Cidade do Cabo. Por três meses fiquei lá, então veio a premonição para viajar em direção ao Novo Mundo. Foram meses até chegar aqui. Estava passando na rua quando tive a premonição de entrar e lhe encontrar.

– Olha aqui, Artos...

– Arthmes.

– Que seja! Se você realmente acredita nisso, tudo bem. Mas, sinceramente, não acha que alguém do século XXI vai também acreditar.

Bateram na porta.

– Entra! – gritou Gabriel. – A porta está sempre aberta mesmo – resmungou.

O rapaz que entrou vestia camisão esporte, calça jeans e tênis. Ao contrário de Gabriel, que estava com uma aparência horrível, ele era bem barbeado e vinha sorrindo, tinha por volta de 29 anos.

– E aí Júnior?

– Está um "caco" Gabriel.

Gabriel fingiu não ter escutado a gracinha.

– Deixe eu apresentar: Júnior, este é Ar... thmes, um anjo, anjo este é Júnior.

Júnior, na verdade Ricardo Sonato de Andrade Júnior, primogênito e único herdeiro dos Sonato de Andrade, com investimentos espalhados por todo o Mundo. Júnior não queria nem saber de trabalho. Teve tudo fácil e não pensava em trocar seu modo de vida agora.

– Ele é um anjo? Um anjo daqueles do céu? – disse em tom de gracejo e apontando pra cima. – Ou você ainda está bêbado..., ou a ressaca de ontem tá forte demais.

– Ele disse que era um anjo e tá contando esta história desde cedo.

Gabriel se levantou, indo até a janela, apertou os olhos com a claridade e tentou se lembrar um pouco mais da noite passada, porém não conseguiu recordar e nem encontrar seu objetivo na vida. Os dias se resumiam em acordar, tentar escrever

e não conseguir, comer qualquer porcaria e sair para beber. Estava com dívidas e só não fora despejado porque Júnior o ajudou. Mas isso não iria durar para sempre. Tomou mais um gole de café amargo e olhou para Arthmes, bem no fundo chegou a desejar que toda a história fosse verdadeira. Sacudiu a cabeça, estava com bastante idade para ter fantasias. Júnior ficava olhando com a mão no queixo para Arthmes. "Mais um maluco!" É, ele deve estar pensando isto.

– Ele é um anjo?

– É o que ele diz Júnior.

Júnior estava com cara de deboche

– Então prove! – falou para Arthmes.

– Por favor..., Júnior ele vai contar toda a história de novo.

Arthmes não dizia nada, apenas observava.

– Não! Prove de alguma forma visível. Algo que só um anjo possa fazer. Certo?

– Tudo bem.

– Espere aí! Como tudo bem? Por que você não me mostrou antes?

– Porque você não me pediu Gabriel.

Gabriel começou a resmungar. Arthmes pediu que ele e Júnior se sentassem no sofá enquanto se levantava e ia para a pequena cozinha. Júnior aproveitou e cutucou Gabriel.

– Cara. Não está muito calor para ele usar este sobretudo?

Mas não houve tempo de resposta, Arthmes já voltava para a sala ficando de pé com a pequena mesa de centro entre eles e com ambas as mãos para trás.

– Agora escutem: não importa o que vejam, não se levantem, está bem? – Gabriel e Júnior concordaram com a cabeça.

Arthmes deu um passo para trás e, quando levantou a mão direita tinha uma grande faca. De um só golpe, mergulhou a lâmina em seu estômago, a dor era muito intensa, jamais havia sentido tal coisa. Sentiria dor mais não morreria, e sabia disso. Júnior e Gabriel assistiam a tudo com olhos esbugalhados e sem palavras. Arthmes se contorceu e arrancou a faca de seu corpo, aos poucos sua dor foi desaparecendo até sumir. Então ele abriu a frente do sobretudo e eles viram que estava sem camisa, sem sangue e também sem marca. Gabriel estava impressionado, mas Júnior não se convenceu.

– Já vi mágicos em Las Vegas fazerem melhor cara. – comentou.

Arthmes jogou a grande faca sobre a mesa de centro e deu outro passo para trás. Gabriel aproveitou, pegou a faca, examinou-a e ficou surpreso.

– Júnior! Esta faca é de verdade! É a minha faca de cortar carne. Não tem sangue!

Por um momento Júnior ficou desnorteado e os dois olharam para Arthmes, que estava sorrindo pelo comentário de Gabriel.

– Quero ver se seus mágicos conseguem fazer isto.

E, jogado para trás, o sobretudo desceu pelas costas caindo em seus pés. Arthmes estava com calça e sapatos pretos. Gabriel e Júnior ficaram paralisados com olhos mais que abertos e bocas também. Das costas de Arthmes, começaram a se elevar vagarosamente e eram enormes. Por isso o sobretudo! Alvas, brancas como a neve, lindas, maravilhosas. Eram..., asas. Arthmes virou–se de costas e viram que elas se fundiam com a pele. Virou de frente, abriu-as totalmente e as agitou. A visão era sublime,

arrebatadora e ao mesmo tempo intimidadora. Júnior ficou de joelhos.

– Levante–se Júnior! – falou Arthmes. – Pare com isso. Levante–se! – Mais ele estava imóvel.

– Mas... mas... como? – gaguejou Gabriel.

– Quando fiz o acordo com a luz, elas me foram devolvidas para que eu nunca esqueça meu objetivo e não me deixe fascinar, outra vez, pelos..., detalhes. Júnior! Quer se levantar?

Gabriel ajudou Júnior e foram até ele tocando suas asas. Arthmes deixou, depois colocou novamente o sobretudo, pediu que sentassem e contou novamente sua história, só que desta vez sabia que estava sendo escutado com seriedade.

– Deixa ver se entendi – disse Júnior, quando Arthmes terminou a narrativa –, nós três vamos ter que encontrar e destruir um demônio?

– Não, Júnior. Vou repetir – "paciência!!!", pensou Arthmes.

– Eu tive a premonição de encontrar você e Gabriel. Como "ELE"– falou e apontou pra cima – nos uniu..., devemos encontrar o demônio juntos a partir do instante em que ele tenha chegado a esta realidade. Temos sete dias não para destrui–lo, mas para enviá–lo de volta a seu reino.

– E se não conseguirmos? – perguntou Gabriel.

– Ele irá fincar raízes nesta realidade. Deixa de ser um demônio pessoal, ganha autonomia e provavelmente vai trazer outros para cá. Assume o controle com certeza de alguma comunidade que deverá crescer e forma seu reino aqui, um novo Inferno, a vingança ideal que Lúcifer gostaria.

– E como vamos controlá-lo?

– No início Gabriel, "ele" ainda terá uma forte ligação com seu mortal. Devemos usar isto para contê-lo, enquanto tentamos

convencer ao mortal que “ele” lhe pertence e que deverá recebê-lo de volta.

– Como assim?

– Gabriel, pense bem. Teremos sete dias para convencer uma pessoa a aceitar ter um demônio em seu convívio diário. Todos têm, mas poucos sabem – Arthmes respirou fundo. – Além do mais, sem o demônio, fica apenas o anjo da guarda, ou seja: tudo que esta pessoa tiver a inspiração de fazer depois desses sete dias dará certo. É como se você encontrasse a galinha dos ovos de ouro.

– Que comparação! – disse Júnior.

- Mas esta é a verdade – continuou Arthmes. – Como você vai dizer a alguém que seu futuro mundo maravilhoso tem que acabar? Que ela terá que aceitar seu demônio de volta e que sua vida voltará a ser normal ou tão infeliz o quanto ela deixava ser antes?

– Não seria uma vantagem para a pessoa ficar sem o demônio?

– Tudo no Universo é equilíbrio Gabriel. Se o anjo dá a proteção, o demônio dá a iniciativa: “se o anjo é a armadura, o demônio é a espada; uma armadura protege sempre, em qualquer ocasião, mas é com a espada que se abre caminhos. Mais é preciso ter habilidade e aprender a manejá-la com cuidado”. Em resumo, um não deve existir sem o outro.

Houve um breve silêncio na sala. Arthmes não sabia como continuar, Júnior e Gabriel não sabiam o que perguntar.

– Você conheceu Jesus? – a pergunta veio de Júnior.

A pergunta veio de surpresa e Arthmes se sentiu um pouco perdido para responder.

– Como é que é?

– Se você..., conheceu Jesus? – repetiu Júnior.

– É. Conheci.

– Ele tinha cabelo grande?

– Não. Tinha cabelo cheio – respondeu Arthmes, fazendo gestos no ar em torno da cabeça. No instante seguinte, olhando um para a cara do outro, começaram a rir.

– Eu não acredito! – gritou Gabriel, levantando-se e indo até a janela.

– Estamos falando de algo terrível que pode acontecer e vocês dois ficam com brincadeiras?

– Foi só uma pergunta, cara, uma..., curiosidade... simpl... – mas Júnior não conseguiu terminar a frase de tanto rir.

– Ah, que ótimo! – gritou Gabriel. – Que ótimo! Temos um curioso e um anjo piadista.

Mas os dois não paravam. Júnior chegou a se apoiar na mesa de centro para não cair. Afinal, cada um expressa nervosismo a sua maneira. Mas Gabriel continuou sério e, após alguns instantes de risadas, eles pararam.

– Muito bem. Como eu pareço ser o único lúcido por aqui, quero ver se entendi.

Júnior e Arthmes só escutavam agora em silêncio.

– "ELE", – disse apontando para cima –, o Todo Poderoso, o Homem, o Senhor, "ELE" escolheu um rapaz mimado, um bêbado frustrado e um ex-anjo demônio para salvar a Terra?

Arthmes se levantou e foi até Gabriel.

– É isso. Esse foi o caminho que "ELE" escolheu.

– Não é possível! Deve haver algum engano. É isso! – Gabriel estalou os dedos. – "ELE" se enganou! Somos as pessoas erradas no lugar certo por acaso.

Arthmes não disse nada, lembrou-se que uma vez tinha pensado que “ELE” havia se enganado também e sorriu pelo canto da boca. Depois foi até Gabriel, que se movimentava pela sala sem parar, e apoiou as mãos em seus ombros.

– Gabriel. Não sei por que eu, você e Júnior estamos juntos nesta aventura. Mais de uma coisa você pode ter certeza: “ELE”... – e apontou para cima– não comete enganos.

A voz firme, porém carinhosa e sem afetação de Arthmes acalmou Gabriel. Por um instante o silêncio mais uma vez reinou.

– Tudo bem! – Júnior se levantou, batendo as mãos nos joelhos.

– O que a gente faz agora?

– Esperamos! Pelo menos até eu ter a próxima premonição.

– Olhem só. Aqui tem lugar pra dormir, mas..., pouca comida.

– Eu trago tudo que precisamos! – falou Júnior pegando papel e caneta para as anotações.

– Não precisa ficar sem jeito, Gabriel. Eu não como, não bebo e também não durmo, mas precisamos mesmo de mantimentos. Temos que recuperar Gabriel desse estado deplorável e... Há! Precisamos também de um computador para acompanhar os acontecimentos pelo Mundo.

– Arthmes..., eu não tenho linha telefônica para internet.

– Júnior. Precisamos de uma linha também.

– Certo Arthmes.

– Vê se encontra alguém para arrumar este apartamento antes que a gente se perca nele.

– Certo cara.

– Celulares também Júnior, para nos comunicarmos rapidamente.

– Cer..., to.

– Para um anjo com mais de 2.000 anos, você é bem moderno.

– Gabriel..., se você soubesse o número de coisas que foram inspiradas pelos demônios para a humanidade, ficaria assustado.

– E essas "inspirações" são para a raça Humana decair?

– O uso das invenções para o benefício ou para prejudicar outras pessoas depende unicamente da maneira como é usada. Você pode usar um avião para despejar bombas ou para transportar pessoas, unindo assim vários países. Você decide, lembra? Vocês têm o Livre Arbítrio.

– Um dos motivos da sua decaída.

– É, Gabriel. Um dos motivos – Arthmes abaixou a cabeça pelo comentário.

– Roupas pra você também! – Júnior sentiu o clima e resolveu cortar aquele assunto.

– Não, não precisa Júnior.

– Claro que precisa! Você não se cansa, não sua, mas há quanto tempo não lava estas roupas ou compra novas?

Arthmes ficou calado, meio sem jeito.

– E perfume! Você usa perfume?

– Não. Nunca usei.

– Vou trazer uns ótimos!

– Peraí, Júnior! Não vamos a uma festa, lembra?

– Fica calmo, Gabriel, de coisa supérflua eu entendo. Vamos mudar o visual do nosso anjo – e abraçando Arthmes olhou para Gabriel – e o seu também.

Quatro dias depois.

– Alô! Cheguei!

Arthmes estava sentado olhando o computador. A sala nem parecia a mesma: limpa, arrumada, até os quadros estavam em seus lugares.

– E aí? Encontrou alguma coisa? Alguma intuição?

– Negativo Júnior. Nada..., até agora nada.

– Cadê Gabriel? – perguntou colocando as compras no sofá.

– Tá dormindo.

– Peraí! Levanta, deixe ver como ficou!

– O quê? – Arthmes não tirava os olhos do computador.

Júnior o pegou pelo braço, levantando-o.

– Quero ver a roupa nova.

Arthmes estava de calça jeans, um sobretudo de tecido leve e tênis. Tudo branco.

– Ficou legal!

– É. Mas suja fácil.

– Sem problemas, Senhor anjo! Temos aqui... – apontando uma sacola grande – conjuntos para anjos nas cores azul, cinza, marrom e claro..., o básico preto.

Enviando a mão dentro da outra sacola Júnior pegou um vidro de perfume e rapidamente começou a borrifar em Arthmes.

– Ei! Que é isso, cara?!

– Perfume! Agora você está igual a John Travolta. Agora você é Arthmes, anjo e sedutor. Como no filme!

Arthmes abaixou a cabeça com a mão no rosto e começou a rir. Júnior tinha aquele espírito irreverente e não ia mudar mesmo com as várias conversas que já tiveram sobre religião, política etc.

Gabriel, com uma xícara de café, entrou na sala.

– Hum... hum..., que cheiro é este? É Perfume?

– Eu estou com perfume – respondeu Arthmes, sentando-se no computador.

– Tá com perfume por quê? Quer ficar igual ao John Travolta no filme?

Arthmes abaixou e novamente sacudiu a cabeça. Bom. Pelo menos estavam sintonizados, pensaram a mesma coisa. Gabriel havia mudado: estava mais sóbrio se alimentou bem e às vezes até brincava, quando seu raro bom humor permitia.

– E aí? Encontrou alguma coisa?

– Negativo Gabriel. Já vasculhei todos os países. Nenhuma intuição.

– E até quando vai isso?

– Até aparecer a premonição de qual cidade "ele" deverá surgir. Com o computador, separei as histórias de aparições demoníacas pelo Mundo. - Enquanto ouviam, Gabriel e Júnior aproximaram-se e olharam a tela. – A maioria aconteceu no Velho Mundo. Essas eu conheço porque participei de algumas, mas nas Américas eu desconheço. Embora pudéssemos agir em todo o planeta, minha preferência era na Europa.

– Aqui! – disse apontando na tela. – Pela pesquisa das histórias, a probabilidade do aparecimento é na América Latina.

– Só temos isso, Arthmes?

– Infelizmente só, Gabriel. De resto temos que esperar a premonição.

– E o que isso ajuda?

– Quando a tiver, é só localizar a cidade. Antes eu teria que andar pelos países para encontrar a cidade certa. Agora iremos rápido para o local e talvez cheguemos antes de ele aparecer.

Gabriel olhou novamente a tela do computador. Vários pontos vermelhos piscavam sobre os nomes de cidades. Júnior se aproximou e também olhou a tela.

– Aparece logo, cara! A gente vai te pegar!

Mas o computador não respondeu a Júnior. Apenas as luzes continuavam piscando como se os desafiassem.

E outro dia se foi. Júnior, sempre agitado, vez ou outra ligava ou atendia ligações de mulheres e amigos em seu celular, a maioria perguntava o que estava fazendo, havia sumido das festas e badalações desde que tinha conhecido Arthmes. Na verdade, foi conselho do próprio Arthmes que se poupasse um pouco pela aventura que teriam.

Gabriel ficava em seu mutismo habitual e seus amigos sabiam que isto era sinal de nervosismo. Às vezes lia um livro, outras assistia televisão e, para quem o olhasse, não parecia preocupado. Mas realmente as aparências enganam.

Arthmes não desgrudava do computador. Ia e voltava nos jornais do Mundo, sabia todas as línguas, até as consideradas mortas. Às vezes trocava algumas palavras com Júnior e no mais era só.

A noite chegou e, às 18h, todos paravam o que estavam fazendo para rezar a Ave Maria. Isto já se tornara comum e era feito todos os dias. Arthmes disse que uma poderosa falange formada de muitos espíritos e anjos vinham à Terra buscar esta energia para o benefício de todos. Fazer parte desta corrente era uma graça para os seres. Em determinados lugares podia-se ouvir a sublime música das esferas. A música que os anjos sempre escutavam.

– Você também escuta?

Havia perguntado Júnior em uma dessas ocasiões.

– Não mais. Só consigo ouvi-la quando tenho uma premonição ou definitivamente quando voltar – foi a triste resposta.

Naquela noite, Júnior ficou na casa de Gabriel e, por volta das 11h30, estavam reunidos na sala, conversando.

– ...quer dizer que ele te trancou no quarto na noite do primeiro dia e você ficou desesperado? – Júnior ria de suas próprias palavras. – Por isso a vizinhança não dormiu e todos estavam reclamando dos gritos no seu apartamento.

– Muito engraçado! – respondeu Gabriel. Estava sério, mas no fundo queria rir.

– Eu falei que ele deveria se livrar das toxinas do álcool. – explicava Arthmes. - Ele disse que a vontade era mais forte e se eu poderia ajudar...

– Mas não daquele jeito! – explodiu Gabriel. – Como anjo nunca ouviu falar em conversar?

– Gabriel..., eu não sou um anjo muito..., ortodoxo.

Júnior e Arthmes se desdobraram de rir, até Gabriel começou a rir.

De repente Arthmes parou. Sua expressão ficou séria, levando Gabriel e Júnior a também pararem. Num rápido movimento, Arthmes se levantou e foi para o computador. Eles o acompanharam curiosos para saber o que estava acontecendo. Sentado no computador, Arthmes teclava e mexia o mouse com velocidade. Gabriel e Júnior, assombrados, observavam. Em certo momento, o cursor parou em uma cidade da América Latina.

– Aqui! – gritou Arthmes.

Ele virou-se para os dois com um sorriso de contentamento e seus olhos foram se fechando lentamente, enquanto o rosto assumiu uma suavidade, uma paz angelical. E o

mais incrível aconteceu, viram uma luz, uma luz de branco puríssimo, começando a brilhar por trás apenas da cabeça de Arthmes. Ela ficou cada vez maior e mais brilhante até que formou uma auréola. Ele abriu os olhos e a suave luz também saiu por eles. Um perfume de rosas, como na chegada das chuvas na primavera, preencheu todo o ambiente e o apartamento pareceu estar mais iluminado. Gabriel e Júnior foram arrebatados pelo perfume e pela visão. Então começaram ouvir uma música que vinha de todos os lados, vinha... de dentro deles. Nem o mais exímio compositor conseguiria compô–la. Era quase tangível! Eles podiam sentir as notas tocando suavemente seu rosto e preenchendo a parte que estava faltando em suas almas.

Lenta e vagarosamente, como começaram, a luz e a música foram diminuindo até sumirem, e Arthmes piscou os olhos, agora normais, mas ainda com aquela expressão de paz e o odor de rosas por todo o apartamento. Então sorriu docemente.

– Isso..., isso foi...

– Isso, Gabriel foi a premonição, é desta forma que ela se manifesta.

– Foi a coisa mais maravilhosa que já vivi!

Arthmes sorriu para as palavras de Júnior. Respirou fundo e ficou sério novamente.

– O mais importante – e virou-se para o computador - é que já sei onde será a aparição. É aqui!

Os outros dois olharam na tela. O cursor apontava a cidade de Nova Hilfurt, ao sul da América do Sul.

– Por que aí?

“Típica brincadeira de Lúcifer” pensou, mas não falou. Mais uma vez Arthmes suspirou profundamente só que desta vez

havia um pesar no ar. Eles sentaram no sofá e ele contou-lhes outra história.

– Hilfurt. Na verdade o nome deriva de Illfurt, uma pequena aldeia da Alsácia, no leste da França. Lá moravam os dois filhos de um vendedor ambulante, os Bulner, que tinham nove e oito anos. Em setembro de 1965, as crianças começaram a ter manifestações anormais. Médicos foram chamados e tudo isso foi e está catalogado. - A voz de Arthmes era triste. Gabriel e Júnior estavam impressionados. – Os meninos ficavam encurvados, apoiando mãos e calcanhares sobre o chão arqueados para trás. Outras vezes girando rapidamente e tendo violentos espasmos rolando pelo chão. Teve ocasiões em que o ventre do mais velho inchava e, na área do abdômen, via-se ondulações e contrações como se houvesse ali um animal furioso. – Ele abaixou a cabeça. - Quando alguém se aproximava com água benta ou um crucifixo, eles se agitavam muito e diziam blasfemas em tom bem grave. Além disso o garoto de nove anos respondia a perguntas que faziam em francês, inglês, espanhol e latim.

Arthmes parou de falar, não conseguia prosseguir. Mas Gabriel não se conteve.

– Era uma possessão real?

Arthmes se levantou de pronto.

– O que você acha? – havia agressividade em sua voz.

– E você viu tudo.

– Gabriel... – Arthmes novamente abaixou a cabeça. – Quem falou em línguas pela boca do menino..., fui eu!

Houve um breve e constrangedor silêncio na sala. Depois de “sentirem” as belezas do céu, conheciam os negros frutos do poço.

– O que fazemos agora? – era Gabriel quem perguntava.

Arthmes levantou a cabeça e tomou fôlego.

– Vamos pra lá.

– Eu conheço o lugar.

Os dois olharam com espanto para Júnior. Desde que souberam o nome da cidade, ele tinha mudado a expressão e ficado calado.

– Você conhece o lugar?

– Sim. Passei parte da infância lá – Júnior falava sério, as lembranças do local devem ter aberto feridas antigas. – Meu pai tinha uma fábrica têxtil e toda a economia da cidade é baseada neste tipo de indústria. É uma cidade de médio porte, do campo, com igrejas, escolas, prefeitura e toda a infraestrutura necessária – então as lembranças apareceram nos olhos de Júnior. – Jamais poderia imaginar que pudesse acontecer algo assim naquele local.

Júnior levantou-se e ligou de seu celular.

– Oi! É o Júnior. O jatinho de papai está abastecido? Ótimo! – e fez sinal de positivo para os amigos. – São três pessoas para ir a Nova Hilfurt, no sul, OK? Certo. Aproveite e reserve o quarto no Hotel Amazonas para nós. Três quartos? – e olhou para Arthmes, que fez sinal de 1. – Não! Apenas um quarto para os três. Isto, a suíte, lembra? A maior. Certo! Tudo bem. Quero o vôo para as 6h, OK.

Desligou o telefone, olhou para os amigos e ensaiou um sorriso.

– Preparem as malas. Estamos indo para Nova Hilfurt.

– Me explique melhor esta coisa de demônio pessoal.

"Estamos a bordo do jato da família de Júnior. O piloto acabou de informar que estaremos pousando em Nova Hilfurt daqui a 1 hora. Ainda falta 1 hora. Cara! Eu detesto voar!"

Gabriel nunca havia voado, mas descobriu rapidamente que não gostava. Se encolhendo na macia poltrona, tentou dormir, mas não conseguiu. Cruzou os braços e ficou evitando olhar para fora da janela.

– Cada pessoa tem um demônio ao seu lado. - Era Arthmes explicando a Júnior. – E tem um anjo também. Já deve ter visto isso em desenhos animados na TV. O inconsciente coletivo do Ser Humano sabe que é verdade, mas nega. Não pelo medo do anjo da guarda, quanto a ele não temos preconceitos, mas pelo demônio. Os mortais não compreendem sua importância por que: você só dá valor à luz quando conhece as trevas.

– Então ele existe...

– Para equilibrar o Universo Júnior. Bondade e maldade são conceitos criados pelo Homem e dependem do tempo, lugar e da cultura de um povo.

– Me dê exemplos.

– Eu já vivi muitas épocas. Existiu um tempo em que ter escravos era comum, sinal de *status*, independentemente de sua cor, raça ou religião. Os escravos eram apenas os sobreviventes de guerras. Na arena romana correu muito sangue, e vocês consideram hoje aquilo desumano. Mas existem lutas de boxe que são consideradas esportes trazendo bastante violência. O que mudou? Outro exemplo são as tribos que comem carne humana. Vocês os chamam de canibais e acham isso terrível! Um profundo desrespeito à própria espécie, mas eles já não pensam assim. Primeiro, porque só comem o guerreiro da tribo adversária que demonstrou mais valentia e força durante a batalha. Não fazem isso para se alimentar mas para possuírem as qualidades dele. Segundo, o que vocês acham ser desumano para eles é um ato de

amor, pois protegerão melhor sua tribo, e de respeito, porque é uma honra para o inimigo ter este fim.

– Como posso acreditar em você?

– Não em mim, acredite na história de seu próprio povo.

– Então..., se os conceitos de bom e mau não existem...

– O que ele quer saber... – falou Gabriel quebrando seu silêncio, mas sem olhar para os lados. – É se este demônio é mau.

– Ele segue a sua natureza.

– E você, Arthmes? – Gabriel virou-se para ele.

– Qual a sua natureza?

Arthmes ficou calado. Pertencia a dois mundos e a nenhum deles. Tinha o coração celestial e cumpria ordens do Arquiteto do Universo. Ao mesmo tempo tinha a mente aberta e livre, como nas Hordas Infernais, e podia desistir de tudo a qualquer momento ou dar outro rumo para toda aquela história.

– Não sei – e abaixou a cabeça. – Não sei mais qual a minha natureza.

A resposta de Arthmes levou o ambiente a comoção. E continuaria assim se a voz do comandante não cortasse o silêncio, pedindo para que todos se sentassem e apertassem os cintos de segurança. Iriam aterrissar em Nova Hilfurt.

O aeroporto da cidade não era muito grande, apenas uma pista para vôos locais. Rapidamente conseguiram um táxi que os levou ao centro da cidade. Casas em estilo colonial lembrando construções da Europa enfeitavam as largas ruas. A cidade era bem simpática. A praça central era ladeada por frondosas árvores e muitos bancos de ferro pintados de branco, o gramado era impecável e, ao fundo, via-se uma pequena igreja típica de cidades pequenas. Estranho é que tudo isto contrastava com a imensa quantidade de lojas com eletrodomésticos, supermercados, bares

e principalmente de roupas, a base econômica da cidade que rodeava a verdejante e calma praça.

O táxi parou em frente a uma locadora de carros. Júnior conhecia o dono e já saltou gritando.

– Nelson! Nelson, meu velho!

Um homem com seus 45 anos veio recebê-los com o sorriso e braços abertos. Tinha barba bem feita e cabelos grisalhos. Abraçou Júnior longamente, dando-lhe tapinhas nas costas e parecendo gostar muito dele. Júnior, ainda abraçado, o trouxe para as apresentações.

– Gente, este é o Nelson. Um grande amigo e me conhece há muitos anos.

Nelson se mostrava simpático.

– Estes são Gabriel e Arthmes. Gabriel é escritor.

Nelson cumprimentou e apertou a mão de Gabriel.

– Arthmes é..., é... – Júnior pensava rápido, mas infelizmente este não era o seu forte.

– Professor. – Respondeu Gabriel cortando Júnior.

– Prazer. Professor de quê? – perguntou Nelson.

– Anjos!

Gabriel olhou reprovando a resposta de Júnior, mas já era tarde.

– Ele dá aulas sobre anjos, história e é poliglota...

Nelson olhou para Gabriel admirando com a resposta.

– Puxa! E você é de onde?

– Arthmes já se considera um cidadão do Mundo pelo conhecimento que ele tem dos países.

– Legal Gabriel. – Nelson não estava compreendendo. Perguntava pra um e o outro respondia? Enfim...

– Arthmes, se sinta em casa, temos muito orgulho de nossa cidade e sabemos que ela é especial.

– Tenho certeza que sim – respondeu Arthmes, carinhosamente.

– Bom! – Nelson falou olhando pra Júnior. – Sempre que você me procura, está querendo alguma coisa. O que é desta vez?

– Um carro. Preciso de um carro.

– Que cara de pau!

– Sempre foi assim. – Comentou para Gabriel – Já estou acostumado.

– Vai lá! – Nelson apontou para a locadora. – Escolhe um e pode levar.

Em poucos minutos os três estavam saltando de uma pick-up cabine dupla em frente ao hotel Amazonas, o melhor da cidade. Após confirmarem as reservas, subiram para o quarto.

– Sempre fico neste quarto quando venho aqui – Júnior falava enquanto abria a porta. – Bom..., faz muito tempo que não venho – completou sorrindo.

Arthmes não se impressionou. Já havia conhecido desde toscas casas de camponeses do século I até palácios magníficos, como o de Versailles. Gabriel, por sua vez, ficou boquiaberto, toda a decoração em estilo clássico, no *living* havia vários ambientes, mesas de centro e poltronas extremamente confortáveis, cortinas vermelhas em veludo davam ao local um tom de nobreza. Um maravilhoso bar entalhado a mão em um dos cantos tornava o ambiente mais social, e quadros da época renascentista, réplicas do Louvre, como Arthmes depois esclareceu, completavam o amplo e sofisticado local.

– É demais! – foi o único comentário de Gabriel.

Depois de colocarem as malas no quarto, Júnior os convidou para irem até a sacada, de lá enxergavam grande parte da cidade. Ao fundo, via-se várias colinas cobertas por um belíssimo tapete esmeralda e a esquerda um rio de águas claras.

– Este é o rio Amazonas, e tem este nome por ser o maior da região. Além do abastecimento, leva água para as fazendas e fábricas locais – Júnior seria um bom cicerone, conhecia bem a cidade.

Depois de se instalarem comentou:

– Certo. Todo mundo já se acomodou, tomou banho, almoçou. Menos Arthmes, que não come nada...

– Eu não preciso Júnior.

– Tá. Vamos dar uma volta na cidade?

- Peraí! – Interrompeu Gabriel. – E o nosso convidado Arthmes? Já chegou?

– Não. Ele ainda não entrou na realidade mortal ou eu teria sentido.

– Então vamos conhecer a cidade! – Júnior já estava de pé com a chave do carro girando no dedo.

Desceram, entregaram as chaves e começaram a rodar de carro pela cidade. Júnior ia apresentando os lugares, prefeitura, hospital, biblioteca e mostrou a antiga fábrica de seu pai. Até que parou na praça central.

– Que foi Júnior?

Mas ele não respondia. Ficava olhando para um homem sentado que apreciava a natureza.

– Que foi Júnior? – Gabriel o sacudiu.

– Conheço aquele cara. É... Ben... Ben... Benjamim! – gritou.

O rapaz levantou num sobressalto e olhou na direção do grito. Ao ver Júnior saltando da pick-up, começou a andar em sua direção. Apertaram as mãos entre sorrisos.

– Gente, este é Benjamim, um dos poucos gênios que conheço. Na verdade, o único!

– Que isso, Júnior – Benjamim estava visivelmente encabulado.

–Ben, estes são meus amigos, Gabriel e Arthmes. Gabriel é escritor e Arthmes... professor.

– É mesmo? Professor de quê?

Júnior começou a explicar, mas os olhos de Ben se desviaram para algo que estava atrás de Arthmes, a figura que ele considerava a mais linda de todas, a jovem freira Neida. Ela havia chegado à cidade há pouco tempo, e sua candura e sorriso infantil arrebataram o coração de Ben no 1º dia que a viu, mesmo vestida com o hábito, que impunha respeitável distância. Ele atravessaria a rua para falar com ela, afinal, esta era a razão de estar aquela hora na praça se não fosse, não fosse... Sofia. Ela apareceu de repente e se interpôs na linha de visão de Ben. Sofia era uma freira bem mais velha, gorda e durona, conhecida pelas crianças da catequese pelo singelo apelido de "a muralha". Ela era a tutora de Neida e com certeza somente uma trombeta de Deus para que estas muralhas caíssem. Isto passou em segundos na cabeça de Ben. – ...línguas e sobre anjos.

– Anjos? Disse anjos, Júnior? – Ben voltou à realidade.

– Você prestou atenção no que eu falei?

–Prestei. Você disse anjos? Ele – falou apontando para Arthmes, – estuda anjos?

– Há! Já sei – disse Júnior olhando para seus amigos. – Deixe eu explicar. O Ben embora venha descansar sempre na

cidade onde nasceu é um cientista e ganhou vários prêmios, inclusive no exterior. E claro que vocês sabem: cientistas não acreditam em anjos.

– Não! Você está equivocado – retrucou Ben. – Eu acredito. Olha só, vocês poderiam ir lá em casa mais a noite – e rabiscou seu endereço num pedaço de papel. – Estou trabalhando e pesquisando sobre anjos. Você pode me ajudar muito!

– Tudo bem – concordou Gabriel, mas Arthmes não respondeu.

– Então espero vocês lá – disse já andando pela calçada. – Eu faço algo pra gente comer – gritou e virou a esquina.

– Esse cara existe?

– Pior que existe, Gabriel. Ele já ganhou prêmios e menções honrosas, estuda plantas, eletricidade, física, mecânica e sei lá mais o que. Só não entendi esta história de anjos..., de repente ficou maluco mesmo!

Arthmes olhou espantado e Júnior começou a rir.

– Vamos pra onde agora, Júnior?

– Entrem no carro! Vou levar vocês para as Ilhas Gregas!

– O que é isso?

– O melhor restaurante da cidade, Arthmes.

Cinco minutos depois Júnior estacionava o carro em frente ao restaurante Ilhas Gregas. Gabriel ainda pensava em Ben. Uma figura singular com aqueles óculos antigos, sapatos, calça e camisa social. Muito estranho, não conseguia tirar a imagem da cabeça. Decidiu naquele momento que iria vê-lo a noite para saber o porquê daquela fixação.

O restaurante era muito bonito. Tinha uma parte fechada, onde ficava a cozinha, o balcão e a parte aberta com mesas. O interessante é que a parte de trás do restaurante ficava sobre o rio

Amazonas, um deck com várias mesas, oferecendo para os clientes uma vista maravilhosa.

Eles sentaram em uma das mesas do deck e ficaram por um instante olhando a paisagem e esperando o atendimento.

– Existe realmente um paraíso Arthmes?

– Existe. – Arthmes respondeu Gabriel olhando para o rio. – Mais o paraíso dos mortais começa aqui na Terra, pelos seus atos.

– Não! – E virou-se para ele. – Pergunto se o paraíso é igual ao das religiões? Você sabe: as almas cantando, glorificando eternamente...

– Gabriel, preste atenção. Você entra em seu apartamento e ele está todo sujo, desarrumado, lixo jogado no chão, está terrível. Aí você senta no chão no meio daquela sujeirada toda e fica sem fazer nada o dia todinho. O que acontece?

– Nada.

– Certo. Não acontece nada porque não existe ação, não tem movimento. No plano celestial, o amor é conhecido como a mais poderosa energia de transformação. Para algo estar se transformando, é preciso estar em movimento. Deus é amor. Se "ELE" é amor, também é movimento para transformar e está eternamente amando. Se "ELE" está constantemente em movimento e não pode parar, senão o Universo desapareceria, porque os mortais acham que no pós-morte ficarão sem fazer nada? Ociosos, parados?

– Pensei que Deus quisesse louvor.

– E quer! Mas na forma de ação, porque ação significa amor. Principalmente depois da vida, quando os limites do corpo físico não são mais empecilho e a mente ganha uma liberdade extraordinária.

– Em que posso servi–los?

A voz era conhecida e a pergunta veio por trás deles. Olharam.

– Nelson! – exclamou Júnior.

– Você veio lanchar aqui também?

– Não, gente! Este restaurante agora é meu. Comprei há alguns anos.

– E manteve o nome.

– Tive que manter Gabriel. Acontece que minha família por parte de mãe é grega.

– Ótimo! Agora senta aqui – Júnior puxou a cadeia da outra mesa. – Vamos colocar os assuntos em dia.

Nelson se sentou com eles. Conversaram animadamente sobre o passado, rindo principalmente das confusões que Júnior se metia quando era criança. Por volta das 20h, despediram-se e entraram no carro.

– Vou ficar no hotel.

– Por que, Arthmes? Vamos agora na casa de Ben.

– Vou meditar um pouco Júnior. Preciso ficar sozinho.

– OK!

Rapidamente Júnior deixou Arthmes na porta do hotel e seguiu com Gabriel. Virou em algumas ruas e estacionou o carro.

– Por que paramos?

– Vou visitar uma amiga primeiro.

Gabriel suspirou fundo. As “amigas” de Júnior costumavam ser mulheres bonitas por fora e vazias por dentro, mas, sem muita opção, ele o seguiu.

Júnior tocou o interfone do prédio e uma voz feminina atendeu, ele se identificou e o portão abriu. Entraram e subiram de elevador até o quinto andar. Quando saíram, a porta do

apartamento já estava aberta. Júnior começou a gritar sem fazer cerimônias e também não haveria outro jeito, a música que vinha de dentro estava altíssima embora só houvesse uma pessoa lá.

– Lisa! – gritou Júnior.

– Júnior! – gritou a mulher que já estava suada de tanto dançar sozinha. Ela veio correndo e, com um pequeno salto, o abraçou.

Elisa ou Lisa era uma mulher bonita com cabelos negros compridos, um rosto sedutor com o corpo escultural e mais 37 anos de uma existência fútil. Tinha bastante dinheiro, era filha de um dos fazendeiros da região, então se deu ao trabalho de gozar o que a vida oferecia de melhor sem se importar com o dia seguinte.

Depois que Júnior deu vários beijinhos na boca de Lisa, o que mostrava que eram bem mais que amigos, ele a apresentou.

– Lisa, esse é Gabriel.

– Ele é um anjinho? – falou dando um risinho.

Gabriel não gostou da brincadeira. Havia muita malícia por trás daquele risinho nada afável.

– Não. Sou escritor.

E sem nenhum comentário, Lisa virou-se, puxando Júnior pela mão para dentro do apartamento. Gabriel ficou parado na porta de entrada sem saber bem o que fazer. Aos poucos foi entrando. Era um lugar decorado com bom gosto e, se não fosse a música estupidamente alta, poderia até se sentir bem a vontade. Lisa arrastou Júnior para perto da janela e, embora a sala não fosse muito grande, era impossível ouvir o que falavam por causa da música.

– Isso aqui é um hospício?

O grito mais alto que a música, o que deveria ser registrado no Guinnes, veio de outra garota que vinha do quarto. Visivelmente contrariada, chamou a atenção de todos.

– Como é? Vai abaixar o volume ou não?

Por um momento as duas se encararam, mas Lisa, reconhecendo a autoridade da outra, foi até o aparelho e abaixou o volume. Claro que não podia deixar passar em branco o acontecido.

– Mas você é chata mesmo!

– Tudo que eu quero, Lisa, é um pouco de paz para estudar!

Lisa olhou séria, mas no instante seguinte sorriu com desdém de toda aquela situação.

– Deixa eu apresentar! – Lisa já estava recomposta. – Júnior, você já conhece. Este é o anjinho.

Gabriel nem ligou para o comentário, estava impressionado com a beleza da outra menina e Lisa havia notado. Mais nova que Lisa tinha cabelos longos e vermelhos, feições finas e um olhar brilhante.

A garota olhou para ele e sorriu. Notou que estava impressionado.

– Oi. Você tem nome?

– Gabriel..., me chamo Gabriel.

– Essa é minha irmã, Ana – disse Lisa cortando a conversa –, as vezes ela vem ao meu apartamento para estudar.

– Nosso apartamento! – falou Ana com o dedo em riste. – Papai comprou este apartamento para nós duas. Só que eu não vivo aqui! Não agüento suas festas de embalo, Lisa. E sabe por quê? Porque são todas as noites!

– Azar o seu. Perde o melhor da vida, maninha.

– E o melhor da vida é o que, Lisa? Bebedeira e festas à noite e dormir até tarde no dia seguinte?

– Você tem que relaxar mais – Lisa falou em tom de gracejo.

– E você tem que ter responsabilidade – Ana falou colocando um ponto final na discussão.

Lisa voltou a conversar com Júnior. Ana, com a mão na testa, voltou-se para Gabriel.

– Desculpe tudo isso.

– Não! Tudo bem – Gabriel estava sem jeito.

– Dizem que a 1ª impressão é a que fica, e eu gostaria que você esquece-se tudo que viu. Vamos começar do zero? Oi, me chamo Ana!

E sorrindo estendeu a mão. Gabriel segurou-a delicadamente e também sorriu.

– Oi! Sou Gabriel e desculpe se interrompi seus estudos.

– Já tinha parado mesmo.

– Você veio a Nova Hilfurt a passeio ou a negócios?

Ana estava sendo gentil e Gabriel sentiu uma pontada de felicidade no coração.

– A negócios.

Ela o convidou para sentar enquanto a conversa de Júnior com Lisa continuava com muitos segredos ditos baixos e risadas bem altas.

– Quais são os negócios? Roupas? Alimentos? O que você faz?

– Sou escritor.

– Escritor???

– É! Você parece admirada com isso.

– É que..., você não é o tipo de pessoa com quem o Júnior costuma andar. É meio estranho.

O volume da conversa de Júnior crescia. Lisa aproveitou e aumentou o som.

– Eu e Júnior sempre tivemos essa afinidade. Desde que nos conhecemos, na adolescência, e temos outro ponto em comum muito forte.

Ana queria perguntar que ponto era este, mas o som já estava bem alto novamente.

– Vamos sair daqui, Gabriel?

– Eu e Júnior estávamos indo na casa do Benjamim.

– Do Ben?

Gabriel sacudiu a cabeça positivamente.

– Vamos! Eu te levo lá! – Ana tinha muita iniciativa e também estava se interessando.

Os dois se levantaram. Gabriel gritou para Júnior que estava indo para a casa de Ben, ele fez sinal de afirmativo e que também ia ficar mais um pouco. Gabriel pensou em falar alguma coisa, mas não adiantava discutir. Há muito tempo Júnior não fazia uma noitada e devia estar sentindo falta.

Eles saíram, desceram de elevador e entraram no carro de Ana que, nem se despediu da irmã. Também, ela não responderia.

– Conhece Ben de onde? – Dentro do carro, Ana queria voltar ao assunto.

– Conheci hoje pela manhã. Ele me deixou bem impressionado e curioso. Eu quero saber o porque.

– Você é sempre curioso?

Gabriel sorriu.

– Só às vezes. Arthmes me disse que sempre devemos perguntar o “Por que”. Assim como também saber aceitar os mistérios da vida.

– Quem é Arthmes?

– É a outra pessoa que veio conosco.

Ana parou o carro no sinal de trânsito.

–Esse Arthmes parece ser bom de filosofia.

Gabriel sorriu novamente.

– Com certeza ele conhece muitas coisas.

– E qual é o ponto em comum muito forte, que une uma pessoa como você ao Júnior?

Gabriel desta vez não sorriu, ficou sério olhando pra frente. Virou-se e viu o belo rosto de Ana. Suspirou levemente.

– Arthmes – foi sua resposta e ficou em silêncio.

Ana não perguntou mais nada. Achou a resposta estranha. Mas, se este tal de Arthmes podia ser um elo tão forte entre pessoas de mundos tão diferentes, devia valer a pena conhecê-lo. O sinal abriu e os dois seguiram para a casa de Ben, trocando olhares.

Júnior e Lisa, que continuaram no apartamento, agora sentados no sofá riam das várias situações que relembravam.

– ...e porque você saiu da festa do Leandro mais cedo?

– Dois motivos Lisa: primeiro, que eu já vinha de outra festa; segundo, que “fiquei” com uma garota e fui pra casa dela.

– É! Quem?

Júnior sem responder começou a rir.

– Há! Fala Junior, quem era?

Lisa começou a sacudi-lo.

– Tá! Tá bom! Foi a Carmem.

– A Carmem Cruz de Mattos?

– É! A noite também foi maravilhosa.

– Cara. Por que você não me chamou?

Lisa fez cara de indignada.

– Como é que é?

– É! Me chamava e íamos os três pra cama. Ia ser bem legal.

Júnior começou a rir.

– Na próxima. Tá legal Lisa?

Lisa fez sinal de afirmativo e se levantou do sofá dizendo para Júnior esperar. Voltou, sentou-se e sorriu pelo canto da boca.

– Tenho uma coisa comigo fantástica Júnior.

Lisa abriu a mão direita, estava segurando três pedrinhas de um amarelo bem claro, meio foscas. O sorriso no rosto de Júnior foi diminuindo até desaparecer totalmente.

– Isso..., isso é crack Lisa?

– É, cara! – Lisa estava eufórica. – Vamos fumar? Eu já experimentei, te leva pra terra dos anjos.

Júnior olhava fixamente para a mão de Lisa e, naquele segundo, lembrou-se de uma das conversas que teve com Arthmes na casa de Gabriel.

– ...já experimentei de quase tudo, Arthmes! Esportes radicais, mulheres de todas as maneiras e até drogas.

– Até drogas Júnior? Todos os tipos?

– Não! Todos não. Já faz quase um ano que eu não cheiro; e fumar maconha, uns..., oito meses. Por quê? Isso afasta a gente do céu?

Arthmes sorriu levemente.

– O que afasta a gente do céu são nossos atos e também são eles que nos deixam entrar.

Júnior franziu a testa, mais ele continuou.

– Você não “entra” no céu. Através de seus atos, abre portas em seu coração e o céu então “penetra” em você.

– Quer dizer que não importa o que falamos, só o que fazemos?

– Quero dizer, Júnior, que nossas palavras só ganham força quando nossos atos condizem com elas.

– E as drogas então são ruins?

Arthmes olhou fixamente para Júnior.

– Todo mundo sabe o que é bom e o que é ruim para si. Isto está dentro do Homem. Mas o céu só penetra nele quando a escolha de suas palavras vem de seu coração e reflete em seus atos.

– Júnior!

Lisa falou pela segunda vez, Júnior balançou a cabeça como se estivesse despertando, mas se manteve sério e olhou para ela.

– Eu..., eu não estou afim.

–Há! Qual é Júnior? – Lisa abriu os braços e novamente fez cara de indignada.

– Nada. Só não quero – repetiu.

– Tá dando uma de otário? Você não era assim. Agora que está andando com esse cara, você mudou. Não sai mais, não liga pra ninguém... Cadê o Júnior? Sumiu! – Lisa se levantou estupidamente, rodou a sala e parou em frente a ele, que se mantinha mudo. Aquela era uma experiência nova, nunca havia negado uma aventura, por mais bizarra que fosse. Não sabia o que dizer então resolveu ficar calado.

Lisa logo entendeu que, pelo silêncio, Júnior não iria fumar com ela.

– Tudo bem!

Ela se movimentou pela sala, pegando sua bolsa e um casaquinho.

– Tá careta? – sua voz era agressiva. – Problema seu!

E indo até a porta, abriu-a e ficou olhando séria pra ele. Júnior compreendeu que o estava expulsando e não havia mais nada a ser dito.

– Vamos, cara! Não vou ficar com a porta aberta a noite toda.

Júnior se levantou e saiu direto sendo seguido por Lisa. Tomaram o elevador sem trocarem uma palavra ou se olharem. Chegando à rua, Lisa fez sinal para um táxi, abriu a porta e sentou no banco de trás. Júnior ficava apenas olhando calado com o rosto sério. Antes de sair, Lisa voltou-se para ele com raiva.

– Otário! – gritou.

Fez um sinal e o motorista partiu com ela para dentro da noite. Para onde ia? Com certeza algum lugar que pudesse fumar e depois mergulhar de cabeça em todas as emoções que estivessem ao seu alcance.

"Estranho" pensou Júnior ainda parado na calçada, "há algum tempo atrás eu teria aproveitado esta noite ao máximo. Eu devia estar me sentindo triste por tudo isso". Mas ao contrário, ele se sentia muito bem. Um sentimento de satisfação encheu seu peito.

Júnior foi em direção do seu carro, era hora de ir para casa de Ben. Quando procurou as chaves nos bolsos, não encontrou. Num lampejo lembrou-se: as chaves e os documentos tinham ficado em cima da mesa, na casa de Lisa. Júnior olhou em volta, o carro estava bem estacionado, podia "dormir" ali e amanhã viriam buscá-lo. Seria um longo caminho até a casa de Ben. "É melhor começar a andar logo".

Mas quando chegou na primeira esquina, seu celular tocou. Era Arthmes.

– Arthmes? O que aconteceu?

– Gabriel teve um acidente.

– Um acidente? Onde? Quando? – Júnior ficou apreensivo.

– Não sei, não entendi bem. Uma garota ligou pra mim e falou que ele sofreu um acidente. Eu dei o endereço e devem estar chegando. Vem pra cá!

– Eu estou a pé. Vou demorar um pouco, mas estou indo! – disse já andando de volta.

A campainha da porta tocou.

– Olha! Chegaram..., vem logo!

Júnior desligou e começou a correr para o hotel.

– Entrem rápido!

Gabriel estava desnorteado. Cambaleava mesmo sendo carregado por Ana e Benjamim.

– Coloquem ele no sofá.

Ana sentou Gabriel e ficou ao seu lado, Ben sentou-se na poltrona ao lado, arfando. Não estava acostumado a fazer grandes esforços. Arthmes sentou-se ao lado de Gabriel e colocou a mão em seu ombro.

– O que aconteceu?

– Não sei bem – Ana falava nervosa e gesticulava muito.

– Saímos lá de casa e fomos para a casa de Ben. Quando chegamos, estava tudo aceso. Chamamos, mas ninguém atendeu...

– Eu estava no banheiro... – mas Ben não conseguiu terminar a frase.

– Como não sabíamos onde ele estava, entrei na casa e Gabriel foi para a garagem. Comecei a chamar e Ben me respondeu

pedindo pra esperar. Quando fomos para a garagem, encontramos Gabriel desacordado dentro de um tubo de vidro enorme.

– É o DECONAM.

Arthmes e Ana olharam sem entender.

– É o meu desacelerador condensador atômico molecular! Deconam. Entenderam? – o silêncio continuou. – Eu sei que vocês não compreenderam. Vou explicar...

Mas Arthmes havia compreendido.

– É um teletransporte.

Ben ficou surpreso com o esclarecimento de Arthmes. Afinal, ele tinha resumido em uma palavra toda a sua explicação.

– Exatamente! Fico admirado, geralmente as pessoas não compreendem...

– O que transporta? – Arthmes pareceu ficar nervoso.

– Como?

– O que a máquina teletransporta? – gritou.

– Bom. Na verdade ela desacelera as partículas desde os subníveis atômicos, como se fosse um imenso freio. Recondensando-as em uma atmosfera de 1 Kg por centímetro cúbico. Realinhando as moléculas...

– Não foi isso que perguntei! – Arthmes cortou a frase e Ben o olhou espantado.

– O que a máquina traz para esta dimensão?

Neste mesmo momento na garagem de Ben, o deconam emite um ruído agudo. Os líquidos caídos no chão começam a evaporar e suas fumaças se unem em uma nuvem esbranquiçada espessa que vai preenchendo todo o tubo e o laboratório. Como se estivesse viva, toma o ambiente. Um monstro devorando: a visão, a energia, a paz..., silêncio. Tudo parou. O vento da noite, o tempo..., tudo parou.

Longe dali, Arthmes colocou as mãos na cabeça. Igual a uma ferroada de abelha dentro do crânio! Ele grita com a dor. Levanta-se, assustando a todos. A dor percorre seu corpo, sentindo seu peito ser rasgado como por um ferro em brasa, e a sensação de sufocamento aumenta. Ben fica parado totalmente sem reação. Gabriel já estava lúcido, mas não tinha forças para fazer algo. Ana toma a iniciativa e tenta segurar Arthmes, que se contorcia, gritava e cambaleava, esbarrando e quebrando vários objetos.

– Para! Calma! – gritava Ana. – O que está acontecendo aqui?

No laboratório, a névoa se dissipou um pouco e "ele" já pode ser visto. Sapatos, calça e camisa social, terno, tudo preto, contrastando com sua gravata prateada. Um homem, uma aberração que não deveria estar ali ou aqui, cabelos bem alinhados, barba bem-feita e olhos verdes como os de Lúcifer. Olhos que assumiram, repentinamente, o vermelho de um rubi. Um rubi em que se podiam ver almas que gritavam, choravam e suplicavam nas chamas de seu próprio Inferno. Ao sair do laboratório, seus olhos ficaram normais, mas sua existência aqui nunca será. Enquanto andava a silhueta foi sumindo noite adentro como em um sonho ou um pesadelo.

– Segurem ele! – Gabriel gritava ainda sem forças para levantar.

Agora Ben tentava ajudar, segurando o braço de Arthmes, que num rápido movimento atirou-o por cima da mesa de centro no outro sofá. Ana rapidamente o pegou por trás. No momento em que teve o último e mais forte espasmo de dor, jogou-se pra frente e deixou Ana apenas com o sobretudo nas mãos. A porta do apartamento se abriu. Júnior entrou suado e quase sem fôlego

para ver uma cena incrível: Ben sentado em um sofá de olhos esbugalhados e boca aberta. Gabriel no chão se apoiando na pequena mesa, tentando chegar a Arthmes. Ana com o sobretudo nas mãos, os olhos cheios d'agua e gaguejando palavras desconexas e... Arthmes ajoelhado, com a cabeça entre as pernas, chorando e com as enormes asas totalmente abertas pela dor.

– Júnior! Júnior vai ver Arthmes!

Era Gabriel gritando enquanto tentava se arrastar na direção dele.

Júnior bateu a porta e foi em direção a Arthmes. Ajoelhando-se, o abraçou.

– Meu Deus! O que é isso? O que é isso? – Ana conseguia repetir apenas estas palavras.

– Arthmes, meu amigo!

Gabriel conseguiu chegar e, junto com Júnior, começaram a levantá-lo.

– "Ele" chegou..., "ele" está aqui... – sussurrava Arthmes.

– O quê? O que, Arthmes? – repetiu Gabriel.

Arthmes levantou a cabeça, a cena era piedosa: estava chorando! Lágrimas que brilhavam como gotas de diamantes rolavam pelo seu rosto. Ainda agachados, Arthmes segurou Gabriel e Júnior pelos braços.

– Gabriel... Júnior... "ele" chegou! Está em nossa dimensão!

Uma hora depois de muitas explicações e ouvindo toda a história de Arthmes.

– Isso tudo é..., incrível!

– Mais é a verdade, Ana, e agora estamos todos envolvidos.

Arthmes terminou a narrativa e todos ficaram pensativos. Menos Benjamim, que olhava vidrado para Arthmes, agora mais recuperado e vestido.

– O que foi Ben?

Aproveitando a pergunta, Ben se levantou rapidamente e foi-se sentar ao lado de Arthmes.

– Você me permite? Podemos conversar? Posso fazer algumas perguntas?

– Pode Ben. Você... – mas Arthmes não completou a frase.

– Você é o sonho de todo o cientista, sabia? Em pensar que inventei o deconam justamente para falar com vocês!

– Olha Ben...

– Quantos anos você tem?

– Na cronologia terrestre, alguns milhões...

– Milhões? Antes do planeta surgir?

– Há? Sim, mas...

– Fantástico! Sempre teve essa forma?

– Não. Temos a forma que vocês compreendem, mas...

– Sua composição! Gostaria de fazer alguns testes: sangue, pele...

– Ben!

– E, o mais importante, me conte tudo que você sabe sobre Deus!

– Ben! – Arthmes gritou. – Não temos tempo pra isso agora!

Ben ficou parado com um semblante triste. Parecia até que ia chorar. Júnior veio do bar com um copo de água.

– Ele tem razão, Ben. Caso você não se lembre, tem um demônio solto na cidade.

Gabriel abaixou a cabeça. Afinal, foi pelo seu descuido que o demônio, aliás, “seu” demônio pessoal, tinha alcançado esta dimensão. Um rápido pensamento passou por sua cabeça: “o que vim realmente fazer aqui?”.

– O que vamos fazer?

– Vamos atrás dele Ana. Agora!

– Calma Júnior. - Gabriel se levantou, – não vamos nos precipitar. Pelo que Arthmes falou, ele pode ser qualquer um e estar em qualquer lugar.

Arthmes concordou, balançando a cabeça.

– O primeiro passo é voltar ao laboratório e verificar as possibilidades de mandá-lo de volta e só depois vamos ao seu encontro.

– A gente pode se dividir!

– Não Ana. “Ele” tem os mesmos poderes que Arthmes com algo a mais: consegue persuadir qualquer pessoa.

– Como assim? – Ben ficou curioso.

– O poder de persuasão – explicou Arthmes – é característica dos demônios. Assemelha-se aos devaneios dos mortais. Quando “ele” entra em sua mente, tudo some ao seu redor e você recorda vivendo a situação sendo conduzido por “ele”. Quanto mais culpado se sente mais poder tem sobre você até conseguir que faça exatamente o que “ele” quiser.

– Por isso temos que permanecer juntos – completou Gabriel. – Vamos voltar ao laboratório. Primeiro passamos na casa de Ana e trocamos os carros.

Todos concordaram e começaram a sair. Arthmes segurou Júnior pelo braço e comentou ao seu ouvido.

– Notou? Gabriel está diferente.

– Ele parece mais prático, com mais iniciativa.

– É a influência solitária do anjo da guarda. Já começou.

Ao chegarem na casa de Ana trocaram os carros e seguiram para casa de Ben.

– Muito bem. – Disse Ben a Gabriel quando todos entraram na garagem – Me mostre exatamente o que aconteceu. Preciso saber para tentar reverter o processo.

Gabriel toma a frente e começa a relembrar.

– Quando entrei, logo vi que você não estava, mas fiquei impressionado, as bancadas com várias substâncias, os sistemas eletrônicos e ao fundo aquele grande tubo de vidro. Tudo estava assim, funcionando.

– É. Como fui ao banheiro, não desliguei.

– Então vim até esta bancada aqui. Peguei dois tubos com líquidos coloridos e fiquei admirando...

– Um verde e um azul?

– Isso mesmo! –

– O verde é de plantas que conseguem fazer a reagrupação de células e o azul é de animais marinhos que fazem regeneração de partes amputadas – explicou.

– Estava com os frascos na mão, quando ali na porta apareceu um cachorro...

– Um grande? Castanho?

Gabriel confirmou.

– É rufus, meu cachorro. Mas..., ele está velho demais. Não consegue nem latir.

– Mas ele veio latindo e rosnando. Parecia que ia me atacar! Eu me afastei de costas até tropeçar aqui, – e apontou o cabo de força no chão – então caí dentro do tubo.

– As misturas caíram em cima de você?

Novamente Gabriel confirmou.

– Depois só me lembro que bati a cabeça e me senti sufocado. Vi imagens distorcidas e apareceram vocês dois me chamando.

Ben coçou a cabeça, andou até o meio da sala e olhou de volta.

– Vai ser difícil. Tenho que fazer novamente as misturas e desenvolver uma substância para que haja na primeira uma desagregação celular e na segunda um inibidor. Isso sem destruir as células – Ben demonstrava uma grande preocupação.

– E isso é difícil?

– Muito Júnior. Se desagregar ou inibir demais, não haverá reconstituição no outro plano.

– Ele morre?

– Tecnicamente pode-se dizer que sim Júnior. Ele se desfaz em uma intersecção entre duas dimensões e ali fica em suspensão indefinidamente.

– Você consegue fazer isso? – Ana estava ansiosa.

– Vou tentar – Ben coçou novamente a cabeça. – Não sabia se iria conseguir trazer algo, agora tenho que tentar mandar de volta. O processo é totalmente experimental. Tenho que rever a amperagem das descargas elétricas, a força magnética envolvida...

– Calma Ben – Ana o abraçou, – se tem alguém que consegue é você. É só ter calma.

– E aí? O que fazemos agora?

– Por enquanto nada Ana.

– Arthmes está certo Ana. Não sabemos nada dele – Gabriel foi até a janela, tocou o vidro suavemente e olhou a escuridão. – Vamos ter que esperar clarear para fazer algo.

SEGUNDO MOVIMENTO

DESTRUIÇÃO

Três pancadas fortes foram o suficiente para acordar Neida na casa paroquial. Havia dormido em cima dos livros de contabilidade da igreja. Aliás, todo aquele dia tinha sido muito estranho. Uma súbita vontade de organizar tudo tomou conta dela: telefonou para os pais, refez apostilas de catequese, rezou com fervor redobrado e quando resolveu colocar os cálculos das doações em dia não aquentou e caiu no sono. Agora se perguntava quem estaria batendo naquela hora da noite.

– Pois não? – disse Neida abrindo a pequena fresta da porta.

– Boa noite. – Falou o homem, sorridente com voz agradável. – Sou um viajante e preciso muito de ajuda. Sei que não vai me negar.

Por um momento Neida pensou em chamar Sofia. Mas a voz dele era muito carismática, envolvente. Olho-o de cima a baixo, estava bem vestido.

– Um momento. – Fechou a fresta, destrancou, abriu a porta e olhou novamente. Além de bem vestido, era um homem bonito.

– Senhor?

– Teobaldo. E seu nome? – Sua voz era gentil e seu sorriso envolvente.

– Neida. Digo "Irmã" Neida – "Que sorriso lindo", Neida pensou.

– Não sei em que posso ajudá-lo Sr. Teobaldo.

– Tenho certeza que fará tudo o que puder por mim, Neida. Você sabe: a falta de palavras e atos carinhosos, a falta de compreensão no Mundo de hoje é terrível. As pessoas acabam sendo humilhadas e se arrastam nas próprias mágoas, tomando

decisões tristes em suas vidas. Decisões que terminam destruindo os melhores sonhos...

A medida que Teobaldo falava, um quadro vivo se formou ante os olhos, agora vidrados, de Neida. Ela não via mais o agradável sorriso e o belo homem à sua frente, mas seguia suas palavras com cenas de sua vida de antes do convento. O pai incompreensível. Sua mãe, uma pessoa sem personalidade, uma infância marcada por surras e desprezo, Neida viu seu sonho de constituir uma família se desfazer quando o pai acusou-a publicamente de prostituição, suas negativas de nada adiantaram, então resolveu enterrar todo seu passado, nada mais interessava, foi acusada injustamente de ser prostituta, resolveu ser uma santa e entrou para o convento.

– ...e com nada, absolutamente nada pode reparar uma acusação injusta – continuou Teobaldo – tentamos esquecer, mas o passado nos persegue como uma flecha certeira a machucar nosso coração.– Teobaldo ainda falava enquanto conduzia Neida para dentro e fechava a porta atrás de si. Ele levou a jovem freira até o meio da sala.

– O que poderia comprar o esquecimento? – continuou Teobaldo a falar. – O quê? Mostre o que você pode ter de valioso entre os Homens. Comprar seu silêncio, sua atenção e seus sorrisos. Esta é a chance de sorrir, agarre-se a ela.

Neida, sem vontade como um robô ou um zumbi, dirigiu-se às pequenas gavetas do móvel, retirou o dinheiro e o entregou sorrindo.

– É pouco, Neida, é pouco.

O sorriso se desfez e Neida começou a buscar em toda a casa mais dinheiro. Obras assistenciais, doações, empréstimos etc. Nada ficou livre de ser entregue, então terminou.

– Neida..., é pouco.

Tudo que ela queria era ser esquecida e perder novamente as lembranças no turbilhão do passado. Os olhos de Teobaldo começaram a ficar avermelhados e sua voz assumiu um tom mais grave, gutural.

– Nada compra o passado, Neida, você não pode mudá-lo, ele vai cortá-la todos os dias pela sua falsidade, sua falta de coragem de realizar seus sonhos.

As lágrimas começaram a cair de seus olhos, os únicos ruídos que se ouviam eram como miados tristes, baixinhos, como se implorassem misericórdia.

Teobaldo foi até a cozinha, ao lado da sala, e voltou trazendo uma grande faca. Colocou-a em cima da mesa, à frente de Neida.

– Você sabe que tem que acabar com essa dor. O que você imagina do céu?

Outro quadro vivo apareceu para Neida, o céu, o paraíso que ela sempre imaginou, sem lágrimas, calúnias, dores ou perseguições. Neida, entre lágrimas, começou a sorrir. Teobaldo aproximou-se por trás e lhe falou ao ouvido.

– Este é o céu que te espera e que sempre te esperou. Agora é o momento de você ir a ele, só precisa ter a coragem de sua infância.

Cada vez mais, Neida sorria com a visão do céu.

– Você foi preparada para este momento, você quer este momento. O que antes era ilusão, agora vira realidade por suas mãos, tão capazes como quando era criança.

Em um gesto, Neida abriu os braços em sinal de aceitação. Teobaldo então dirigiu-se para a porta de saída.

– Lembre-se... – falou antes de sair –, a dor agora será rápida e, quando desaparecer, acabará com todas as outras, depois..., só terá paz.

Ele fechou a porta, ainda em tempo de vê-la pegando a faca. Deu alguns passos, parou, enfiou a mão no bolso e olhou para o dinheiro. Seus olhos já estavam normais. Sorriu e, como um fantasma, entrou na noite sem olhar para trás.

Gabriel via a escuridão iluminada pelas luzes de mercúrio das ruas, as sombras pareciam ganhar vida. Arthmes veio por trás.

– Não adianta ficar assim.

Houve um momento sem resposta.

– Ficar como Arthmes?

– Se condenando.

Gabriel continuou a olhar a escuridão.

– Eu o trouxe.

– Não. Foi um conjunto de fatos que resultaram nisso.

Gabriel voltou-se para Arthmes.

– E quem planejou isto?

– Como posso saber? Sou apenas um anjo, não escrevo o "LIVRO DA VIDA".

– Livro do quê?

– O Livro da Vida, uma série de acontecimentos que cada Ser Humano tem que vivenciar para seu aprimoramento.

– Mais isto..., deve influir em nosso livre arbítrio. É algo injusto!

– Não. Não é. Vou explicar: você encontra uma carteira cheia de dinheiro, este acontecimento está escrito no Livro da Vida, o que você vai fazer com ela parte do seu livre arbítrio, entendeu?

Gabriel abaixou a cabeça e ficou pensativo. Arthmes colocou as mãos em seus ombros e o olhou profundamente.

– Gabriel, você pode escolher ir embora e esquecer que ouviu falar de Nova Hilfurt, ou ficar e enfrentar esta situação. Esqueça os acontecimentos que resultaram neste fato e concentre suas forças no poder de suas escolhas.

– E se a minha escolha for errada?

Arthmes sorriu.

– Todo o Homem erra, faz parte da natureza do Ser Humano. Eu estive no Monte das Oliveiras e ouvi quando o mensageiro sentiu medo porque era Humano. Mas, como todos os homens, ele teve tempo de fazer uma nova escolha, que depois o encheu de alegria.

– E de glória – Falou Gabriel.

– A glória pouco importa para aquele que fez a escolha certa. O que conta é a felicidade no coração.

Gabriel pensou, sorriu e levantou a cabeça. Tinha feito a sua escolha.

Teobaldo estava sentado em uma boate. O barulho era ensurdecedor, mas parecia não atrapalhar seus pensamentos. Tinha dinheiro, verdade que não era muito, mas dinheiro não significa poder. Poder é a quantidade de influência que você consegue exercer sobre outras pessoas. Ele precisava de extensão para seus braços, estava limitado em um corpo, mas isto não deveria ser difícil, afinal, tinha como conhecer os maiores desejos e fraquezas dos mortais.

Uma mulher dançava freneticamente aquela música alucinante, tanto que chamou sua atenção. Ele sorriu, conhecia aquele procedimento, estava se preparando para viajar nas

drogas. Chamou o garçom, o mandou trazer seu champanhe mais caro e levar uma taça para ela. Não demorou e os dois conversavam.

– Então você veio para ajudar o prefeito a ganhar as eleições.

– Isso mesmo.

– E o que foi que ele disse?

– Nada Lisa, ele ainda não me conhece.

Lisa não compreendeu. Teobaldo sorriu.

– Ele vai querer minha ajuda, tenho certeza disso. Agora, por que não vamos lá fora, pra você viajar?

– Como você sabe...

Teobaldo colocou os dedos suavemente em seus lábios.

– Sei de muitas coisas. Vamos ao nosso paraíso.

Lisa sorriu e acompanhou aquele homem misterioso e fascinante. Saíram da boate e, mais à frente, chegaram a uma rua estreita, mal iluminada. Teobaldo viu três silhuetas, três rapazes com atitudes suspeitas, deviam estar tramando algo.

– Meus braços! – exclamou Teobaldo, sorrindo.

Lisa novamente não compreendeu, mas Teobaldo ficou ansioso.

– Lisa, onde comprou as drogas?

– Em frente à boate, tenho um amigo...

Teobaldo segurou seu braço e a puxou.

– Me mostre quem é.

Eles voltaram, encontraram a pessoa e Teobaldo comprou três tipos de drogas diferentes. Retornaram à pequena rua.

– Pra que isto? – Lisa estava curiosa.

Ele, sorrindo, disse:

– Precisamos de empregados, minha querida.

Deixou Lisa nas sombras e dirigiu-se para os rapazes. Dois ficaram de pé na sua frente. O mais adiantado mostrou uma faca.

– Aí, cara, é um assalto!

Teobaldo sorriu.

– O cara vai perder tudo e tá rindo "cachorrão" – falou o segundo.

– Senhores..., quero contratá-los.

– Tá maluco cara? Quer morrer?

– Posso pagar.

Abrindo a mão, Teobaldo mostrou os pacotes com várias drogas. Os olhos dos marginais brilharam, o mais adiantado, de apelido "cachorrão", estendeu a mão, mas Teobaldo colocou rapidamente o pacote atrás do corpo.

– Deixem ele falar!

A voz vinha do terceiro integrante, que ainda estava nas sombras.

– Ele é o chefe? – Seu tom de voz era de gracejo – Deixe-me vê-lo, não falo com empregados.

O rapaz se aproximou, não devia ter ainda vinte anos, mas já trazia as marcas da tristeza que acompanha todo o jovem sem esperanças.

– O que você quer?

– Preciso de guarda-costas. Pessoas de confiança para certos serviços.

– Não quer sujar as mãos, bacana?

Teobaldo olhou profundamente nos seus olhos..., e sua voz mudou.

– Chega de ficar limitado por este Mundo que não os compreende, chega de leis. Você quer liberdade para fazer o que quiser, porque você pode e quer...

Um quadro vivo se formou para o rapaz. Começou a ver cenas de sua família, o pai desempregado, bêbado, um lixo. A mãe surrando-o por nada, depois a polícia, por nada, depois na cadeia, violência.

– Somente o mais forte sobrevive... – continuou Teobaldo – Essa é a sua lei, a nossa lei. Os fracos servem aos fortes de todas as maneiras – seus olhos ficaram vermelhos. – E, agora, você tem a prova disso, pisando em todos, em tudo, você agora vai ter o seu lugar por direito..., ao meu lado. Acorde!

Ele sacudiu a cabeça, como se despertasse de um pesadelo. Teobaldo colocou as drogas em sua mão.

– Quero todos aqui amanhã as 9h. Todos.

O rapaz chamado "cachorrão" se aproximou e sorriu.

– Quem garante que a gente vem?

Imediatamente, o chefe deu-lhe um forte tapa na cara e gritou.

– Todos aqui amanhã! Quem não vier, se entende comigo.

Teobaldo sorriu.

– Gostei, qual seu nome?

– Elias.

Teobaldo começou a rir.

– Ótimo nome! – E fez sinal para Lisa, que se aproximou cheia de admiração.

– Vamos, vou lhe mostrar como usar isto de verdade. – Referindo-se ao crakc com ela.

Enquanto se afastavam, ele falou em um tom bem alto.

– Elias! Que nome excelente!

E começou a gargalhar na escuridão, mas os rapazes já não o ouviam, estavam viajando nas drogas.

Amanheceu.

– Vou dar uma volta pela cidade.

– Eu e Júnior vamos também, Gabriel. Você ficou acordado quase a noite toda. Não está em condições de dirigir.

– Tudo bem, Arthmes, cadê Ana e Ben?

– Estão dormindo. Ben passou a noite inteira trabalhando e Ana ainda está sob o impacto dos fatos de ontem. Vamos deixá-los assim, quando acordarem estarão melhor.

Os três entraram na pick-up e saíram sem destino. Pela cidade, que dormia calmamente sem saber dos últimos acontecimentos, estava bem cedo, tudo em silêncio, por isso o grito pareceu tão alto, o desespero veio da casa paroquial, justamente quando passavam perto da igreja. Júnior olhou pelo retrovisor e viu a irmã Sofia abrir a porta e sair gritando alucinadamente, ele parou o carro e correu a acudi-la. Sofia sem voz apontava para dentro, Gabriel e Arthmes entraram primeiro e viram a irmã Neida estirada no chão sobre uma enorme poça de seu sangue devido à faca cravada, até o cabo, em seu coração. Aproximaram-se. Arthmes olhou seu rosto, estava sorrindo.

– Foi “ele”, Gabriel.

Júnior entrou desnorteado e parou ao ver o cadáver.

– Foi “ele” Júnior – repetiu Arthmes.

Outras pessoas foram chegando, Júnior notou. Sabia que o logo a polícia estaria ali. Pegou os amigos pelos braços e os puxou para fora. Havia outras pessoas ajudando a velha freira. Os três entraram no carro, mas Júnior não deu a partida, ficaram parados, pensativos. Antes de lamentarem o ocorrido teriam que descobrir o porquê daquilo. Gabriel pegou o celular.

– Vou ligar pra Ana e contar o que houve.

O telefone só tocou uma vez até ser atendido. Uma voz feminina respondeu.

– Ana? É o Gabriel, tenho uma notícia muito ruim.

– O que houve? O demônio fez uma pessoa se suicidar – Gabriel contou.

–Quem? Uma jovem freira, aqui na...

Gabriel escutou outro grito, mas este era masculino e vinha do outro lado da linha. Ele ficou mudo, escutava apenas alguns barulhos, vozes pedindo calma, e depois um choro.

Gabriel colocou no viva-voz, para que todos ouvissem.

– Gabriel! – Era Ana do outro lado da linha. – Gabriel, coloquei no viva-voz, quando o Ben escutou sobre a freira, ficou descontrolado, agora está chorando. Liga depois.

Gabriel concordou e desligou o celular, olhou para os amigos.

– Será que esta freira era alguém especial para o Ben?

– Talvez fosse alguém muito especial – concluiu Arthmes.

Houve um breve silêncio, cortado subitamente pelas batidas na janela. Era Nelson.

– Vocês viram o que aconteceu?

Júnior olhou novamente pelo retrovisor, a polícia já havia chegado.

– Sabemos o que aconteceu. –Respondeu Arthmes.

– Eu quero algumas respostas e sei que vocês as têm.

Gabriel e Júnior olharam desconfiados, mas Arthmes se mantinha sereno.

– Onde podemos conversar?

– No meu restaurante, Arthmes, está fechado.

Abriram a porta e Nelson subiu, em alguns instantes estavam em frente ao Ilhas Gregas. Entraram e Nelson trancou a porta.

– Muito bem, quem vai contar o que está acontecendo?

– Quem disse que sabemos alguma coisa?

– Júnior, você nunca vem a Hilfurt. Desde que chegaram, tive a nítida impressão que algo iria acontecer; e tem mais, não acabou, vem mais coisa por aí.

Antes de Júnior responder, Arthmes tomou a palavra.

– Você está certo.

– Arthmes!

– Não, Gabriel, ele tem que saber.

– Por quê?

– Pelo que ele sentiu. Faz parte da história dele. Todos os fatos são interligados com as pessoas, a isto chamamos de "TEIA DO DESTINO", está no Livro da Vida. Ele sentiu realmente e vai saber o que está acontecendo, o que vai fazer depois fica por conta de seu Livre Arbítrio.

Arthmes virou-se para Nelson, que se mantinha calado.

– Escute, eu vou lhe contar o que está acontecendo, mas quero deixar uma coisa bem clara, o que você vai fazer com estas informações é problema seu, sua escolha, elas irão levá-lo em uma direção que nós não conhecemos o fim e talvez não possamos ajudá-lo.

Nelson pensou e consentiu.

– Muito bem, existe um demônio na cidade, e ele veio assim...

Arthmes contou tudo sobre a máquina, o nome da cidade, o demônio e suas capacidades.

– Deixe eu perguntar, Arthmes, como você sabe disso tudo? – Nelson ainda estava incrédulo.

Júnior olhou para Gabriel, sorrindo pelo canto da boca. Ele já sabia o que viria a seguir.

– Eu fui enviado para ajudá-los, Nelson.

– Para nos ajudar? Você não parece Jesus.

– Não, Nelson – Arthmes desabotoou o sobretudo. – Eu não sou o mensageiro..., eu sou um..., amigo.

Tirou o sobretudo e abriu suas asas. Nelson ficou paralisado, de boca aberta, teve que se sentar. Não conseguia falar ou ficar de pé.

– Um... um..., anjo. Meu Deus, Arthmes, você é..., um anjo!

– Um Anjo!

Os quatro olharam em direção a porta da cozinha, de onde tinha vindo aquela última exclamação. Um homem todo de branco, bigode, aparentando 60 anos saiu de lá, junto com uma mulher mais nova, bonita, devia ter seus 30 e poucos anos. Eles se aproximaram diretamente de Arthmes.

– Um anjo! – exclamava ele.

A mulher estendeu a mão para tocar nas asas, mas Arthmes não deixou, afastando-se. Nelson levantou e se interpôs entre eles com certa agressividade.

– Walter! Júlia! – Gritou. – O que estão fazendo aqui?

Mas Nelson parecia ter ficado invisível. A mulher se ajoelhou sem tirar os olhos de Arthmes e o homem gaguejava. Nelson olhava para os dois, estavam totalmente fora da realidade.

– Walter, acorde! Meu Deus.

– São de verdade Nelson? É mesmo um anjo? A história que ouvimos é verdadeira?

Nelson olhou de relance para Gabriel e Júnior, que não sabiam o que dizer. Arthmes colocou novamente o sobretudo e pediu para todos se sentarem, enquanto tentava levantar a mulher, que teimava em ficar de joelhos.

– Agora que todos se sentaram, me diga, Walter, o que faz aqui?

– Passamos aqui, Nelson, para conversar. Como você não estava, decidimos...

– Você decidiu!

– É Júlia. – Disse Walter aborrecido. – Eu decidi fazer uma surpresa. Demos a volta por fora do restaurante e ficamos esperando. Quando ouvimos a porta, nos escondemos na cozinha. Mas nunca pensaríamos em ouvir isso.

Nelson suspirou profundamente e, virando-se para os outros:

– Júnior, Gabriel e Arthmes, estes são o Doutor Walter e sua esposa Júlia, são meus amigos e acredito neles.

Mas Júlia tomou a palavra.

– É verdade o que você contou? Existe um demônio por aí?

Ela perguntou olhando para Arthmes, mas quem respondeu foi Gabriel.

– Sim, é verdade.

– Mas..., não temos que nos preocupar, temos um anjo!

– Não é bem assim, Júlia...

– Como não! – Júlia se levantou num sobressalto. – Temos um anjo ao nosso lado, um ser celestial, divino, abençoado pelo próprio Deus!

Pela primeira vez compreenderam o que aquela notícia poderia provocar.

– Dona Júlia, sente-se. – Disse Arthmes. - É melhor todos vocês saberem da história, o que poderia ter sido evitado e não foi, não tem mais importância, vou contar pra vocês desde o início...

Gabriel sabia que aquilo iria doer. Arthmes ficou triste e abaixou a cabeça, com dor no coração.

Neste momento, Teobaldo e Lisa entravam no gabinete da recepção da prefeitura e se dirigiram para a secretária que lixava as unhas. Esta os olhou e Lisa sorriu.

– Bom dia. Queremos falar com o prefeito.

– No momento, ele não está.

Lisa não gostava de negativas.

– Pois ligue e diga ao prefeito Amorim que é Elisa, filha do...

– Eu sei quem é a senhora, Dona Elisa, mas o prefeito não está e nem pode atender a ligações, ele foi a uma reunião no Centro Empresarial.

Lisa, séria e nervosa, virou-lhe as costas, enquanto esta voltava, calmamente, as unhas. Afastou-se de braço dado com Teobaldo, mas parou na porta do gabinete.

– Mulherzinha petulante. Vou mandar o Amorim demiti-la – e olhou para Teobaldo. – Foram os votos de meu pai que o colocaram na prefeitura.

Teobaldo sorriu.

– Tenha calma, eu acho que ela ficaria muito bem..., na sua cama. Não a acha bonita?

Lisa olhou novamente para a secretária e sorriu maliciosamente.

–É..., bonitinha.

– Você a quer de presente?

Lisa passou a língua levemente nos lábios.

– Quero.

E ameaçou voltar, mas Teobaldo a deteve, segurando seu braço.

– Depois, agora temos uma reunião no Centro Empresarial.

Lisa concordou sorrindo e os dois seguiram seu caminho.

– Eu acho que devemos chamar a polícia!

No Restaurante Ilhas Gregas, Arthmes acabou sua história.

– E o que devemos dizer a eles, Doutor Walter? – Júnior ficou nervoso, mas continuou. – Que tem um demônio na cidade, que o culpado é o Gabriel e quem nos contou isso foi um anjo?

Walter engoliu a seco, mais ficou calado.

– O que fazemos então? – Perguntou Júlia.

Gabriel se levantou.

– Nós vamos pra casa de Ben, sugiro que vocês também sigam para as suas.

– Só isso?

– Não temos muito que fazer Nelson – respondeu Gabriel –, temos que esperar, qualquer notícia a gente se reúne aqui, no seu restaurante.

Todos concordaram e se levantaram.

– Júlia!

Walter a procurou de seu lado, mas ela estava conversando com Júnior. Ele voltou e a puxou rispidamente.

– Pare de me envergonhar.

– Só estava pegando o número do celular.

Mas Walter a puxou novamente.

– Vamos!

– Espera! Eu quero pedir a benção do anjo.

– Ele não é anjo. É...

No entanto, Walter notou que Arthmes, o olhava fixamente e sentiu medo. Não completou a frase e foi embora temeroso. Arthmes ficou de pé, imóvel. Gabriel veio por trás e colocou a mão em seu ombro, mas ele não se mexeu.

– Vai piorar não é?

– Muito Gabriel, muito mais.

O casal entrou no elevador, tinham perguntado ao recepcionista o local da reunião do prefeito com os empresários locais.

– Auditório. No 8º andar. – Foi a resposta.

Centro Empresarial de Nova Hilfurt. Um dos poucos prédios altos da cidade, um "elefante branco" feito pela atual gestão para prestigiar os comerciantes do local. Na verdade um "cabide de empregos" e a maneira mais segura de acrescentar no "cofre particular" do prefeito trinta por cento da receita das obras.

Ao chegarem as portas estavam abertas. Era um local amplo, com poltronas vermelhas confortáveis. No púlpito o prefeito discursava ao microfone para uma platéia bem arrumada, que dava sinais claros de insatisfação pela proposta do aumento das taxas de transporte para matérias-primas dentro dos limites da cidade.

– Amorim..., este aumento é inconcebível!

– Com certeza!

Todos no auditório concordavam com os comentários dos dois colegas empresários, a reunião começou a ficar muito tumultuada.

– Esperem..., senhores... – Amorim tentava acalmar os ânimos. –Infelizmente este aumento é necessário.

Mas os comentários negativos eram gerais e Amorim não conseguia ter controle sobre o ambiente.

Teobaldo estava ainda de pé com Lisa ao seu lado. Ele a acomodou e começou a andar em direção ao palco, onde um confuso prefeito pedia conselhos a seus assessores.

– Prefeito!

A platéia, por um instante, parou de falar e olhou para o estranho que se mantinha de pé, até o prefeito deu-lhe atenção. Sua voz soou calma, mas o prefeito estava desconfiado.

– Compreendo o aumento das taxas de circulação de mercadorias, mas com certeza tem uma proposta para equilibrar este aumento.

O prefeito olhou para o assessor, que imediatamente se afastou e começou a ligar do celular, buscando idéias com escalões mais altos.

– Temos, temos sim, mas quem é o senhor? – Amorim tentava ganhar tempo.

– Sou um novo empreendedor. Vou começar me fixando em Nova Hilfurt.

– E qual seria o ramo de negócios?

– Propaganda e Marketing. – Teobaldo sorriu. - Qual é a proposta?

Amorim olhou para o assessor nervoso e apertou os olhos, não tinha resposta.

– Posso fazer uma proposta? – Sugeriu o estranho, o prefeito consentiu com a cabeça.

– Se pudéssemos ter estagiários em nossas empresas por um período maior, faríamos economia e teríamos a propaganda positiva necessária para a prefeitura solicitar verbas extras ao

governo para futuros projetos dentro das fábricas. Seria um repasse de verbas para cursos de especialização.

Por alguns segundos todos ficaram estáticos, como se o tempo tivesse parado, mas era apenas a influência de Teobaldo contaminando todos como um vírus.

– É uma boa idéia!

A este primeiro comentário no auditório seguiram-se outros e todos positivos à sugestão de Teobaldo, inclusive do próprio prefeito, que se animou e retomou a palavra já pensando em como superfaturar o pedido de verbas. Teobaldo, sorrindo, voltou pelo corredor e sentou-se ao lado de Lisa.

– E agora? – perguntou Lisa.

– Vamos aguardar ele falar conosco, é só esperar.

Teobaldo estava confiante, conhecia a natureza Humana e Amorim era fraco, fácil de manipular. A reunião não demorou muito, o principal assunto graças ao estranho, tinha sido resolvido.

Assim que terminou a reunião Amorim mandou chamá-los em uma sala à parte, longe de ouvidos indiscretos.

– Vou direto ao assunto! Quem é você? Sei que não tem empresa em Nova Hilfurt, o que quer?

Teobaldo sorriu e sentou-se com Lisa ao seu lado.

– Quero que se torne governador.

– E o que você ganha com isto?

– Agora? Não quero nada, apenas estar ao seu lado. Tenho maneiras de fazê-lo ganhar as eleições – a voz de Teobaldo era pausada e inspirava confiança. – Afinal, chega de passar por restrições, tristezas, chega de ser menosprezado pelo Mundo...

Em um lampejo, Amorim reviveu sua infância miserável em outra cidade, de seu primeiro roubo para ter comida aos

outros se que seguiram. De como aprendeu a roubar sêmen de animais de raça na fazenda onde trabalhava, enriqueceu, tornou-se fazendeiro, expandiu suas terras expulsando posseiros. Teve, é claro, que "convencê-los" a sair, mas ninguém sentiria falta se dois ou três desaparecessem para servir de exemplo, foi fácil. Estranhamente os olhos de Teobaldo, desta vez, não ficaram vermelhos.

– Você quer poder, precisa de poder e isto eu posso lhe dar. Ao meu lado você terá o que merece.

Amorim balançou a cabeça e olhou para Teobaldo, o tempo parou e os dois sorriram lentamente ao mesmo tempo. Lisa, que via toda cena, teve a impressão que eles eram reflexo um do outro.

Foi Teobaldo quem feriu o silêncio.

– Preciso ver os papéis que levantou contra seus adversários, aqueles sobre os impostos.

– Como sabe disso? Era sigiloso.

– Acredite, senhor prefeito, sei tudo que você sabe e mais um pouco.

– Metade está em uma cidade próxima e o resto em meu escritório – Amorim respondeu sem pensar muito, realmente era fácil de manipular. Teobaldo se levantou e Lisa também.

– Vou até seu escritório agora, mas como chego a outra cidade?

– Vou ligar para meu primeiro assessor e homem de confiança, que irá levá-lo.

– Certo. A propósito, sua secretária vai estar lá?

– É..., sim, por quê?

– Eu prometi um presente para alguém – e sorriu olhando para Lisa, que sorriu de volta e se manteve calada –, e ela, com certeza, vai me ajudar neste presente.

– Não tem problema! Peço para esperar vocês com os papéis e depois ela fica à sua disposição.

– Com certeza, ela fica.

Teobaldo andou com Lisa até a porta e, antes de sair, virou-se para o prefeito sorrindo.

– Aliás, meu nome é Teobaldo, senhor governador.

Amorim encheu o peito de ar com o elogio e fez sinal de afirmativo com a mão. Teobaldo sorriu e fechou a porta atrás de si, trancando também as esperanças de dignidade do prefeito.

– Vocês demoraram.

Casa de Benjamim.

– Estivemos no restaurante de Nelson e tivemos uma longa conversa.

– Vocês contaram para ele, Gabriel?

– Não só pra ele Ana – Gabriel sentou-se –, também para o doutor Walter e a esposa.

– Daqui a pouco toda a cidade vai saber. – Falou Júnior em tom sarcástico.

Arthmes estava calado, em pé próximo a janela, olhava para fora como alguém desconfiado de estar sendo seguido. Até Ben entrar na sala, com um refrigerante.

– Pensei que estivesse trabalhando na máquina! - Ben virou-se para Gabriel, visivelmente contrariado pelo comentário.

– Qual é o problema? Está com algum peso na consciência?

A resposta fez Gabriel levantar-se prontamente.

– Pra começar, não construí aquela máquina, gênio!

– Não! – respondeu Ben balançando a cabeça. – Só foi incompetente o bastante para cair em um tubo de três metros de altura.

– Por que aquele seu cachorro imbecil latiu pra mim!

Já estavam gritando e começaram a andar um em direção ao outro.

– Ele sempre late quando vê porcaria!

– Então ele vive latindo pra você!

Júnior entrou no meio dos dois, já estavam perto demais.

– Calma..., calma gente! Brigar não dá certo.

– Além do mais, temos problemas maiores para resolver.

A frase de Ana fez os dois ficarem calados, mas se olharam com raiva.

– Vamos sair! – Arthmes tinha ficado quieto até agora. – Temos que acalmar os ânimos.

Ben deu de ombros e foi para o laboratório, Ana o seguiu.

– Também acho melhor vocês saírem de novo – disse ela antes de deixar a sala. - Nervosismo só atrapalha. - Falou olhando tristemente para Gabriel.

– Está na hora do almoço, vamos comer alguma coisa.

Gabriel bateu a porta traseira quando entrou na pick-up.

– Não tenho fome.

– Júnior está certo Gabriel. Se a linha não agüenta, como vamos pegar o peixe?

– Vai me acusar também Arthmes? – gritou.

– Não! Só quero que pense e tenha um pouco mais de responsabilidade – gritou Arthmes.

– Esqueci, é isso que os anjos fazem – resmungou.

– Não os anjos Gabriel, os demônios – e virou-se para frente. – Vamos, Júnior – Júnior ligou o motor e voltaram para o Ilhas Gregas.

O restaurante estava fechado, bateram a porta e Nelson a abriu, convidando-os a entrar.

– Viemos almoçar. Não abriu o restaurante?

– Depois de hoje de manhã? Dei folga pra todo mundo. Mas tenho um ótimo strogonoff, podem se sentar que vou trazer.

– Eu não como, Nelson.

– Você vai me fazer esta desfeita?

– Você não entendeu – explicou Arthmes –, não tenho fome, nem sinto o gosto da comida.

– Cara, vida de anjo é dura.

– É..., um pouquinho. – Falou Arthmes, sorrindo.

Nelson trouxe a comida e sentou-se com eles.

– Me diga uma coisa, – perguntou Júnior a Arthmes – quando encontrarmos "ele", como vamos enfiá-lo dentro daquele tubo?

– Nós não, Júnior, só Gabriel – uma leve brisa correu. – Somente Gabriel poderá fazer isso.

– E como ele vai fazer?

– Através da "LEI DA ATRAÇÃO".

Gabriel olhou para Júnior e Nelson, que acompanhavam a conversa mudos, mas com a mesma curiosidade.

– Tá legal, Arthmes, explica. – Falou Júnior.

– A Lei da Atração, como diz o nome, atrai tudo para você, seja algo bom ou mau.

– Não entendi.

– Imagine qualquer coisa, Gabriel.

Gabriel pensou um pouco.

– Tá, pronto, e agora?

– Agora você deu uma ordem direta ao Universo, ele vai se reconstruir de forma a trazer exatamente o que desejou.

– Funciona simples assim? – perguntou Nelson.

– É, simples assim e para todos os mortais conseguirem qualquer coisa.

– Isso é absurdo! As pessoas se afundam em problemas o tempo todo, tem dívidas, desilusões amorosas, como algo tão simples pode dar certo? Você está transformando o Ser Humano..., em Deus!

– Não é necessário transformar nada Gabriel. Enquanto os Seres Humanos pensarem como filhos, ficarão esperando que o Pai Celestial traga as soluções, quando entenderem esta lei e começarem a aplicá-la, assumem o papel de pai e isto traz responsabilidades, pois você traz para sua vida e das outras pessoas acontecimentos, coisas materiais, tudo! Vocês não querem esta responsabilidade, tem medo dela, acham que os milagres pertencem a "ELE", quando qualquer pessoa pode fazê-lo.

Arthmes falava olhando para todos e continuou.

– Acham que os problemas e as tristezas que tiveram e que ainda têm em suas vidas foram trazidas ao acaso? O acaso não existe, o Universo é feito por leis rígidas e, mesmo que vocês não as entendam, elas existem e sempre seguem o mesmo padrão. A Lei da Atração é uma lei de alcance mental da alma e só através desta faculdade pode ser movida.

– Você pode usá-la?

Arthmes dirigiu seu olhar para Nelson e sorriu.

– Anjos, ou demônios, não tem alma, não temos como usá-la. Por isso vocês são chamados filhos de Deus. O que "ELE" espera é que um dia vocês cresçam e se tornem pais.

– Então é só desejar que acontece? – todos estavam curiosos.

– Vamos refinar o processo Nelson, primeiro você deseja, ou faz o pedido específico, depois vem a resposta do Universo,

mas entre as duas coisas há uma terceira: a sua sintonia com esta força.

– E como consigo isto?

– Com o emotivo, Gabriel, suas emoções aceleram todo o processo. A necessidade de algo, junto com sua emoção, faz toda a diferença.

– Mais... e aquele pensamento que fiz antes?

– Vai acontecer, tenha certeza disto, mas o pensamento junto com a emoção, e se possível fazendo visualização do que deseja, diferenciam todo o processo, o Universo trabalha com velocidade, o que pode atrasar é sua falta de emoção, ou, se preferir..., sua falta de fé.

– OK! Então Gabriel pode trazê-lo.

– Não é tão fácil assim, Júnior.

– Gabriel tem razão Júnior – continuou Arthmes. – Não vejo nele motivação suficiente para trazer o demônio – e se levantou de onde almoçavam.

– Se não estou pronto. Quando este motivo vai aparecer?

Arthmes, de pé, olhava para os amigos.

– Não sei. Mas sei que suas vidas, seus caminhos são uma teia de encontros e desencontros. Se estamos juntos é porque existe uma razão para isto, nada acontece por acaso.

Dito isso, afastou-se e ficou olhando o rio. Uma leve brisa correu novamente, trazendo mais dúvidas que certezas.

– Nada acontece por acaso – esta foi a resposta de Teobaldo para Sofia.

Estavam no carro com o assessor do prefeito dirigindo, Teobaldo ia a seu lado e Sofia, que tinha pedido carona até a outra cidade, estava no banco de trás. Sofia sorriu.

– O senhor é uma pessoa muito agradável, Sr. Teobaldo.

Ele sorriu e olhou para a estrada. Era estranha a presença de Sofia no carro. Queria se livrar do assessor, este era seu plano. Lisa não seria envolvida, estava se divertindo com a secretária do prefeito, que era casada e por isso não falaria para ninguém. Porém, o inesperado aconteceu quando Sofia pediu carona e o assessor cedeu. "Bom" pensou, "tenho que me livrar dela também" e isto, antes de ser um problema, seria um prazer. Lembrou também que dois de "seus" rapazes estariam esperando mais à frente. Voltaria com um e deixaria o outro, afinal, sabia que Gabriel deveria aparecer. Quem sabe mataria mais dois coelhos?

– Por favor... – Teobaldo falou tocando no ombro do assessor que estava ao volante. – Pode parar perto daquelas árvores? Tenho que ir ao banheiro.

– Acha que eu não notei você olhando para aquele garoto riquinho?

Escritório do Doutor Walter.

– Você tá sonhando. – Gritou a mulher.

– Júlia, presta atenção! Ninguém me contou. Eu vi!

– Você me viu pedindo o telefone dele para termos contato – Júlia tentava ponderar. – Pense bem! Pedi o telefone dele na frente de todo mundo. Até do anjo!

– Anjo? Ou demônio? Eu sei lá se aquela história é verdadeira. E se ele for o "outro"? Quem garante que não está enganando a gente?

– Eu achei convincente.

– Esqueci que você entende muito de mentiras. – Falou em tom de sarcasmo.

Júlia balançou a cabeça. Amava o marido, mas detestava seu ciúme, o que só havia piorado com o passar do tempo. Sentia-se como se um par de olhos estivesse sempre em suas costas. Para manter o casamento, parou de fazer várias atividades que gostava, até mesmo de escutar músicas antigas. Ele afirmava que Júlia estava com saudades do passado ou lembrando de outras pessoas. Várias vezes havia pensado em sair de casa, mas o medo e a ideia de ter que reconstruir sua vida a impediam, então se resignava e continuava vivendo com uma pessoa que demonstrava seu amor com palavras estúpidas e gestos, às vezes, brutos.

Walter olhava sério para sua mulher, bonita, inteligente, com certeza desejada por vários homens. Por que ele deveria tratá–la de outra maneira? Quando a conheceu, estava com outra pessoa, mas ela desmanchou com o namorado dizendo que este era inconseqüente, infantil, que gostava de homens mais maduros. Começaram logo a namorar e não demorou para ela estar de mudança para sua casa. Casaram-se no civil, viveram bem nos primeiros dois anos, mas quando ela se negou a ter filhos, alegando que desta forma aproveitariam mais, começou a desconfiar de traição. Os amigos (e que amigos...) colocaram mais lenha na fogueira. Agora, por que deveria tratá-la diferente? Ele se sentia bem, tinha o controle da situação, e da esposa.

– Walter..., você tem que parar com este ciúme.

– Você foi pra perto dele pedir o telefone, não podia ter pedido quando estava do meu lado?

– Walter..., não fiz nada de mais!

– É! Até ter chance de fazer!

– Fazer o quê? O quê?

– Pronto! Falou a santa.

O telefone começou a tocar, Júlia ia responder, mais preferiu atender. Era para Walter, ela estendeu o braço e ele o pegou rispidamente. À medida que escutava, o rosto de Walter ficava pálido. Desligou.

– O que aconteceu?

Walter parecia não acreditar.

– Um homicídio seguido de suicídio...

Enquanto Walter explicava, Júlia ficou aterrorizada. Quando acabou, Walter pegou sua pasta e foi para o local. Júlia, sozinha no escritório, sabia que seu próximo ato traria outra briga para dentro de casa, mas tinha que fazer o certo.

– Alô, é o Júnior, quem...

Júnior ouviu tudo e desligou.

– Gente problemas, acharam um homem e uma freira mortos na estrada.

– Atropelamentos acontecem sempre, Júnior.

– Não, Nelson, o homem matou a freira e depois se suicidou.

Arthmes falou para todos.

– É realmente estranho. Vamos lá dar uma olhada.

Despediram-se de Nelson e foram para o local. Ao chegarem notaram que a polícia já havia chegado. Pararam o carro um pouco afastado.

– Júnior, você é mais conhecido aqui, vá até lá e pergunte o que aconteceu.

Seguindo o conselho de Gabriel, Júnior foi até o local, enquanto os outros esperavam ansiosos no carro.

– O que acha Arthmes?

– Acho que deixamos passar algo. Olhe! Júnior está voltando.

– Cara, este tal de Walter deve comer jiló todo o dia, ficou me olhando com uma cara... – mas não terminou a frase.

– Júnior! Se concentra! O que aconteceu?

– A polícia disse que o assessor atirou na freira com a própria arma e depois se suicidou, sem motivo aparente. Todos os documentos, dinheiro, nada foi levado, inclusive o carro deles está no mesmo local.

– Com licença? – A voz era desconhecida.

– Você não é Ricardo Sonato de Andrade Júnior?

A pessoa na frente deles era comum, um senhor de seus cinqüenta e poucos anos, de terno e gravata, sem barba e cabelo alinhado. O olhar de Júnior mostrava apenas dúvidas.

– Não lembra de mim, Dinho?!

Ao falar o apelido da infância de Júnior veio a recordação.

– Conheço sim, é... Naldo!

E apertaram as mãos, Gabriel e Arthmes apenas olhavam ainda dentro do carro.

– Isso! Só que agora é pastor Eraldo Montes, o que faz aqui?

– Vim ver o acidente.

– É, muito triste. Ele era da congregação, um bom rapaz. Teve uma vida difícil, mas havia superado graças ao Senhor Jesus e agora..., isso... – falou apontando para o local.

– Júnior! – gritou Gabriel. – Vamos, temos que ver outros assuntos.

Mas Eraldo se adiantou.

– Vão para a cidade? Podem me dar uma carona? Vim com Walter. Mas ele ainda vai demorar.

– Tá legal.

Gabriel olhou querendo fuzilar Júnior pela resposta, mas se conteve. Eraldo se sentou atrás com Arthmes, Júnior entrou e ligou o motor, mas não olhou para Gabriel.

– Então seu nome é Arthmes – "nome estranho", pensou Eraldo. – Tem religião Arthmes?

Gabriel colocou a mão no rosto e suspirou.

– Na verdade, não.

– Eu era assim, sem religião, mas Deus tocou meu coração.

– Tocou é?

– Sim! Deus me disse o caminho, acredita que "ELE" fale conosco?

– Com certeza, acredito. – Falou sorrindo.

– Então! – Eraldo aumentou o tom de voz. – O que aconteceu comigo pode acontecer com você, é só aceitar Jesus Cristo como seu único e suficiente salvador!

Eraldo não parava de falar, Gabriel, já sem paciência, olhou novamente para Júnior e notou que ele estava correndo demais.

– Júnior! Vai mais devagar.

– Tem uma moto atrás da gente.

Gabriel suspirou nervoso.

– Cara, isto aqui é uma rodovia, claro que têm motos...

– O cara tá armado!

Gabriel olhou para trás e viu a moto se aproximando.

– Pisa Júnior! Mete o pé!

A pick-up acelerou. Pelo retrovisor, Júnior viu a moto ficar um pouco para trás para, no instante seguinte, também acelerar e iniciar uma perseguição por uma rodovia com poucos carros e muitas curvas. O motor da pick-up roncava como um animal furioso, mas a moto, nas poucas retas, gritava e aproximava o carrasco de suas vítimas.

Arthmes e Eraldo se seguravam como podiam. Gabriel ficava olhando pra trás, além de gritar, incentivando Júnior a correr mais depressa. Mas a moto se aproximou e, em uma reta, seu ocupante deu dois tiros na pick-up. O primeiro acertou na lataria, o que fez Gabriel se abaixar e Arthmes, por puro instinto, proteger Eraldo com seu corpo, mas o segundo tiro atingiu Arthmes. Nunca havia sentindo este tipo de dor, o chumbo quente entrou pelas costas, procurando o que dilacerar, mas não encontrou nada. Mesmo assim a dor era intensa e Arthmes gritou alto. Eraldo, num rápido movimento, arrancou parte do sobretudo, mas..., não encontrou o local do ferimento, nem sangue. Seus olhos se esbugalharam quando viram as alvas penas que se mesclavam à pele de Arthmes.

– Deus! – gritou. – Meu Deus! – Gritou desesperadamente.

E começou a querer se ajoelhar enquanto gritava graças a Deus. Isto já era incômodo, em um carro a mais de 100 Km/h era de enlouquecer. Por um momento a pick-up pareceu um hospício ambulante. Gabriel gritava para Júnior ir mais depressa, que respondia dizendo que já estava correndo; enquanto Eraldo gritava que estariam todos salvos, que Jesus enfim respondeu e Arthmes pedia para ele parar.

O motociclista se aproximou perigosamente até emparelhar com o carro, mas Júnior notou. Virando bruscamente o volante, jogou a pick-up na moto, que perdeu o controle, desceu em alta velocidade, pelo acostamento, até se arrebentar em algumas árvores, e seu ocupante quebrar o pescoço. O rapaz apelidado de “cachorrão” estava morto. Júnior pisou no freio e derrapou no acostamento de terra, todos desceram e andaram lentamente olhando para o barranco. Júnior parecia ter ficado em estado catatônico com tudo que aconteceu.

– Matei uma pessoa... – Júnior repetia várias vezes, baixinho, com olhos incrédulos.

Arthmes teria chegado também na beirada, mas Eraldo prostrou-se na sua frente e agarrou seus calcanhares.

– Criatura do Senhor, eu estou pronto! Eu quero ser salvo!

Arthmes não falava nada, olhando para Gabriel fez alguns gestos desesperados para tirar Eraldo dali.

– Júnior! – Gabriel o sacudiu. – Acorda Júnior!

Júnior se recompôs, levantou os ombros e foram até Eraldo, levantaram-no pelos braços, mas ele continuava eufórico.

– Não! Esperem! Não me levantem, vamos todos nos ajoelhar! Este é um sinal de Deus! – Bradou.

Arthmes pensou um pouco e teve uma idéia. Retirou o sobretudo, andou até perto de Eraldo, ainda seguro pelos amigos.

– Ajoelhe-se. – Falou para Eraldo, olhando-o fixamente.

Ele caiu de joelhos com as mãos juntas. Arthmes então abriu as asas totalmente, sabia que haveria impacto nesta visão.

– Eraldo Montes... – disse firme e pausadamente. – O Senhor dos Mundos, o Arquiteto do Universo, manda que vá até aquele monte abençoado – era uma boa distância até lá – e pense, reflita sobre tua vida pregressa, pois "ELE" deseja voltar para ti.

Os olhos de Eraldo encheram-se de lágrimas e, como um robô, ele se levantou e começou a andar na direção indicada.

– Cara! Isso não foi maldade?

Arthmes colocou o sobretudo.

– Precisamos pensar Júnior, a situação está cada vez mais grave. Aliás você falou algo do morto ser assessor?

– Ele era assessor do prefeito.

– Do prefeito? Então "ele" vai tentar algo na política.

– E deve estar agora na prefeitura. – Pensou alto Gabriel.

Rapidamente, entraram no carro. Júnior ligou o motor e olhou uma última vez para Eraldo, que já andava bem longe.

– Cara, isso foi maldade.

– Já te falei, Júnior, não sou muito ortodoxo. Vamos!

O pneu da pick-up patinou na terra. Júnior virou o volante, e eles ganharam novamente a estrada em direção à prefeitura.

– Não. O prefeito viajou para a capital junto com seu novo primeiro assessor, o Sr. Teobaldo.

Arthmes ficou pensativo, mas Gabriel continuava inquieto, estavam no escritório da prefeitura.

– Quando eles foram?

– Há..., já faz algum tempo. A esta hora, o avião já decolou.

A secretária do prefeito estava tranqüila, sorridente, muito gentil.

– Como é este senhor Teobaldo?

A secretária olhou para Arthmes e começou a descrevê-lo, quando terminou, informou ainda que levariam dois dias para voltarem.

– Vamos embora, temos que contar à Ana e ao Ben as novidades.

– Ah! Por favor! – Chamou a secretária. – A Ana de quem falou é a irmã de dona Elisa?

– É sim.

– Pode entregar meu telefone pra ela?

Gabriel consentiu com a cabeça enquanto ela lhe entregava o papel.

– Por favor, peça para ela me ligar assim que chegar da capital.

– Como? Da capital? Ela foi junto?

Júnior estava atordoado, mas a secretária sorriu para ele.

– Lógico! Ela é a dama de companhia do senhor Teobaldo.

“Droga” pensou Gabriel, “Ana vai pirar quando souber disso”.

TERCEIRO MOVIMENTO

REDENÇÃO

– Minha irmã está com um demônio, e você me pede calma?

– Ficar neste estado não ajuda.

Gabriel tentava argumentar, mas, desde que chegaram á casa de Ben e contaram, Ana havia perdido o controle, já tinha chorado, gritado, se desesperado e agora queria tomar uma atitude.

– Em que estado você quer que eu fique? Minha irmã está transando com um demônio! Não é a sua irmã, é a minha!

– Anjos ou demônios não tem relações sexuais com mortais.

– Quem garante isso Arthmes?

Ele apenas sorriu, ela recuou um pouco.

– Vamos pegar o avião de papai e ir atrás deles!

– É melhor não, Ana. – Arthmes estava impassível. – É melhor aguardarmos eles voltarem.

– Mas..., minha irmã...

– Ela não vai sofrer nada. Ele precisa dela, do dinheiro e do corpo, só que para os outros.

– Como a secretária da prefeitura? – Júnior, conhecendo Elisa, rapidamente compreendeu o comportamento e o interesse da secretária.

– Não Júnior, aquilo foi um presente, um agrado.

– E demônios dão presentes?

– Quando é do interesse deles Ana, geralmente oferecem o que a pessoa mais deseja.

– A Elisa? Ela já fez e provou de tudo, o que ele pode dar de tão importante pra ela?

– Um amor verdadeiro, sem interesses fúteis, um amor que não conhece limites e com coragem bastante para se assumir.

Ana argumentou que Elisa já tinha feito isso.

– Um amor, Ana, não outra aventura. – Foi a resposta de Arthmes.

Ana continuava nervosa, mas Gabriel a tranqüilizou, repetindo as palavras de Arthmes e acrescentando outras suas, então ele a conduziu para fazerem um café.

Júnior aproveitou e sentou ao lado de Arthmes.

– Cara, me conta uma coisa: gays, lésbicas e simpatizantes entram no céu?

Arthmes sorriu.

– Está perguntando isso pela sua consciência ou por curiosidade?

– Os dois? – Foi a resposta meio sem graça.

– Júnior, uma vez disse a você que nossas ações tem que começar em nossos corações, isto porque vocês têm o Livre Arbítrio, ou seja, têm o poder das escolhas e, com isso, podem escolher o que lhes traz felicidade. Sabemos que Deus é justo e bom, seria uma injustiça "ELE" não amar gays e lésbicas, afinal, eles escolheram esse tipo de relacionamento. Se "ELE" se aborrecesse com isso, teria que culpar a si próprio, pois foi "ELE" quem deu aos mortais o Livre Arbítrio.

Júnior olhava pensativo.

– Sei o que você pode estar pensando..., – continuou – mas lembre-se: "ELE" não erra.

– Mas as religiões condenam isto.

– Júnior, as religiões são a tentativa da tradução da palavra de Deus. Crianças que não se entendem tentam compreender um Ser infinitamente superior. O homossexualismo é tão antigo como a própria Humanidade...

– Mas é certo, Arthmes?

Arthmes colocou a mão na nuca de Júnior.

– Sabe o que é errado, Júnior?

Júnior balançou negativamente a cabeça.

– A falta de escolha. A falta de escolha faz o mortal, aos olhos de Deus, estar morto.

E se levantou, ia à garagem conversar com Ben, que trabalhava incessantemente. Júnior continuou sentado, pensativo. Arthmes notou e resolveu explicar de outra forma.

– Mais uma coisa, sabe como você descobre qual das garrafas tem o melhor vinho?

Júnior olhou sem responder.

– Você tem que provar todas.

Então um belo sorriso apareceu no rosto de Júnior, ele enfim compreendeu.

– Escutem bem!

– Não! Escute você, Nelson...

No restaurante Ilhas Gregas, Walter e Júlia pediram para conversar com Nelson. E Walter já estava gritando.

– As pessoas estão morrendo. E nós sabemos os motivos e temos que dar um fim nisso!

– E o que você sugere? – Nelson parecia confuso.

– Eu sei lá!

– Eu acho que devemos confiar neles.

– Ninguém perguntou sua opinião, Júlia. – A agressividade de Walter estava fora de controle.

– Prestem atenção! –Gritou Nelson. - Se vocês forem brigar a conversa acaba aqui!

Júlia resignou-se, mas Walter continuava nervoso. O próprio silêncio era pesado.

– Escutem, eu acho que toda a história é verdade, e eles são nossa melhor chance de acabar com tudo. Quem vai acreditar em toda essa história? Os crentes? Os católicos? A polícia? Esta cidade vai virar uma loucura, uma verdadeira praça de guerra se prenderem o anjo. E aí? Vamos com tochas atrás do demônio?

Walter não estava acostumado a perder o controle da situação, tudo que pode fazer foi socar a mesa na sua frente. Júlia sorriu pelo canto da boca, foi bom ver o marido no seu lugar.

– Vá pra casa, Walter, temos que esperar.

– Isto está virando um inferno, mas antes de me alcançar eu tomo uma atitude.

Agarrou Júlia pelo pulso e saiu do restaurante. Nelson, olhando a cena, pensou o que levaria um bom homem como Walter a se transformar dessa maneira. Então lembrou-se do acidente que matou seu próprio filho. Sua mente voou e naquele segundo tudo a sua frente desapareceu, a cena surgiu de forma real, como se estivesse aquele instante: Ele limpando a arma de caça, sentado no sofá de sua sala, um sábado com sol, com certeza no domingo entraria na mata para se divertir com os amigos. Seu pequeno filho de sete anos brincava em frente a porta. Ele só conseguia se lembrar do barulho violento do disparo e o corpo do filho sangrando em seus braços. Ninguém o culpou pelo ocorrido, os anos de análise ajudaram, mas o casamento acabou. Ainda bem que tinha família e amigos, o trabalho também ajudou e sua vida continuou, lógico que de maneira diferente, mas continuou. Retornou ao presente sacudindo a cabeça e desfazendo as imagens. Nelson abaixou a cabeça, suspirou fundo e entrou na cozinha do restaurante, sofrendo pelo filho, pelo velho amigo e por ele mesmo.

Eraldo entrou em casa esbaforido, estava todo suado. Tinha tirado o terno e a gravata, a caminhada até o monte foi longa, ficar no pico deste por horas também não foi nada agradável, mas ele fez e sentia um forte orgulho por ter conseguido.

– Você está bem? Está com uma cara estranha.

A pergunta partiu de sua esposa, uma mulher admirada por todos de sua igreja, afinal, ela perdoou o marido pela traição que ele teve, mesmo sendo depois do casamento, com uma das moças que freqüentava o mesmo local, uma aventura que durou meses. Na época, várias vezes ele a enganou dizendo que iria a outros lugares. Até que em um descuido, ela descobriu. Tudo foi resolvido de forma discreta, o que significa que todos na congregação ficaram sabendo, seu antigo pastor a chamou para convencê-la que era melhor continuar com o marido, que tudo foi uma tentação, algo feito pelo "inimigo". Ela pensou um pouco, não tinha parentes no estado, foi criada por uma família que sentia orgulho de seu marido, o futuro "pastor" de Nova Hilfurt, só conhecia as pessoas da igreja e todos se afastariam dela se o abandonasse, mesmo estando coberta de razão. Seu marido era a opção de um futuro melhor, por isso resolveu ficar. E a outra? Ficou coberta de vergonha, porque, mesmo sendo solteira, ela fraquejou ante uma provação, se deixou usar pelo "inimigo" e "aproveitou-se" de um bom homem casado. Logo foi hostilizada pelas outras mulheres, que temiam pelos seus homens, o que fazer? O mais simples: ir embora.

– Você não imagina o que aconteceu! – Eraldo estava eufórico. – Todas as orações que fizemos hoje foram atendidas!

Os olhos da mulher começaram a brilhar, não eram apenas as palavras, Eraldo era extremamente carismático. Antes mesmo

de ela dizer algo, Eraldo contou o que aconteceu, colocando palavras mais apaixonadas nas partes em que descrevia sua conversa com o anjo. A mulher acreditava em cada frase. Quando terminou, colocou as mãos em seus ombros e disse:

– Ligue para todas as igrejas, não apenas as da nossa congregação, todos precisam saber que a salvação chegou e Deus me escolheu para a tarefa de espalhar a boa nova.

A mulher saiu nervosa e Eraldo, sentando-se, começou a orar, mas só com a boca, sua mente estava longe das palavras. Pensava nos "pecados" que havia cometido e que tinha recordado quando estava no monte. Então veio um nome: Marlene. Suas feições, seu belo corpo nu ao seu lado na cama e também seu único "pecado" revelado. Ele ainda se lembrava da conversa que teve com seu pastor.

– Será que minha esposa vai me perdoar?

E da resposta do pastor.

– Meu amigo, pense bem. Que opção ela tem?

Ele ainda se lembrava de certa vez que pregava na praça da cidade depois de tudo "resolvido". Viu Marlene passar sem olhar para os lados, chegou a pensar em chamá–la, mas perder tudo que tinha conseguido? O respeito, a hierarquia por causa de uma mulher que se aproveitou dele? Ela era a pessoa errada, a mulher que o retirou do caminho do Senhor, a tentação que deveria evitar, pois ali estava o "inimigo" do Senhor. E, sorrindo de orgulho pelo seu discernimento, voltou a cantar o hino de louvor. Nunca mais a viu. Estas recordações se misturavam com outras, mais bem escondidas, nunca reveladas, mas que sempre terminavam com o pedido de perdão a Deus, enfim, Deus o perdoou mostrando-lhe seu mensageiro.

Mas tinha muito trabalho a fazer, a primeira coisa era saber onde o anjo estava. Não seria difícil, Júnior sempre ficava no hotel Amazonas e o irmão Cláudio era faxineiro de lá. Ele saberia. Além disso, todos deveriam ver o anjo. Repentinamente um grande pensamento invadiu sua mente, talvez ele conseguisse unificar todas as igrejas da cidade. Este pensamento, em um instante, tornou-se uma certeza e viu-se no púlpito de um grande local, lotado de irmãos que louvavam com o anjo a seu lado, mas os "pecados"..., os "pecados" teimavam em voltar nas recordações, deveria deixar isto pra lá, afinal, ele já tinha sua missão, o resto seria seu segredo e ele resolveria depois, com Deus.

– Todos temos segredos.

Esta foi a resposta de Arthmes a pergunta de Gabriel, eram 4h30 na casa de Ben, resolveram dormir lá.

– Até você? – Falou Gabriel sentando–se no sofá.

Arthmes sorriu, todos continuavam dormindo, Gabriel se deitou ao lado de Ana para acalmá–la. Conversaram, olharam-se e beijaram-se. Ficaram juntos no quarto de hóspedes, por isso Júnior dormiu no sofá da sala e Ben dormiu na garagem deitado na mesa, mas ainda não havia sido notado. Gabriel acordou ao lado de Ana, levantou-se e foi para a sala, tinha perdido o sono e sabia que Arthmes não dormia.

– Tenho muitos segredos Gabriel.

– Você não fala do inferno. Sofreu muito?

– Não. Provoquei muito sofrimento.

– Você era uma espécie de gerente, mandava nos outros?

Arthmes acenou afirmativamente com a cabeça.

– Esse demônio é mais que você? O..., como é o nome dele?

– Na hierarquia, ele está abaixo de mim. Não sou um demônio criado, sou um anjo decaído, ele não teria a chance que estou tendo. E o nome dele é Teobaldo. O mesmo nome do garoto de nove anos que realizei a possessão em Illfurt, na França, no ano de 65. O nome deste demônio é uma piada de Lúcifer para mim.

– Todos nós temos que enfrentar nossos demônios. – Falou Gabriel quase instintivamente.

"Boa colocação", pensou Arthmes e sorriu.

– Tem razão, todos nós.

– Idiotas! – gritava Teobaldo no telefone.

– Digo a você quem são, onde encontrá-los, dou o dinheiro e você manda um burro fazer o trabalho?

– O cara era bom, mas não deu sorte.

Elias desistiu de buscar uma desculpa e resolveu mudar de assunto.

– Mas tenho uma boa notícia para o senhor.

Teobaldo sentou-se na poltrona. Desta dava para ver a enorme cama do quarto onde Lisa transava com dois homens juntos, na verdade dois governadores. Teobaldo estava realizando as coalizões partidárias.

– Muito bem. Espero que estas sejam boas.

Elias sorriu pelo comentário.

– Minha mãe esteve ontem na igreja, ela sempre vai ao culto, até me chamou...

– Seja objetivo!

– Ela disse que amanhã todos irão ver o anjo que está na cidade e o pastor encontrou. Disse que devem avisar a todas as igrejas porque o sinal do céu chegou, todos, muita gente vai prá lá.

Teobaldo sorriu do outro lado da linha.

– Antes de voltar da capital, ligo de novo, pegue o resto do dinheiro e podem aproveitar.

– Sim senhor! – Elias ficou eufórico.

Teobaldo desligou no instante em que um dos homens saiu do quarto. Era gordo, calvo e totalmente nu de roupas e escrúpulos.

– Nunca me diverti tanto! Venha também, Teobaldo!

– Minha felicidade é ver a sua alegria, excelência. - Falou sorrindo.

– Mas não pare! Tem que terminar tudo que começou! – Bradou sorrindo com o punho cerrado.

O homem gargalhou e, andando desajeitado, voltou falando alto para o quarto. Assim que saiu, o sorriso de Teobaldo se apagou. “Amanhã terão uma surpresa”, pensou, afinal, agora uma cidade inteira estaria atrás deles.

Júnior, Gabriel e Arthmes olhavam incrédulos, eram 10h e a rua em frente ao hotel Amazonas estava apinhada de gente. Alguns grupos oravam em voz alta, outros cantavam e outros gritavam. Na frente, nas escadarias do hotel, vários pastores falavam ao mesmo tempo e, ao centro, Eraldo Montes comandava a multidão, que clamava pelo anjo.

– E agora? – perguntou Gabriel para Arthmes. – Querido anjo não ortodoxo. O que fazemos?

– Ligue o carro, faça a volta e vamos sair daqui tranquilamente.

Júnior e Gabriel num relance compreenderam. Se aquela multidão soubesse que o anjo estava no carro iriam desmontá-lo para vê-lo e depois despedaçariam Arthmes para tê-lo.

Júnior engatou a ré e começou a recuar devagar, mas Eraldo viu e reconheceu a pick-up.

– Ali! – gritou Eraldo. – São eles! Aleluia, eles chegaram, o anjo do nosso Senhor chegou! O sinal do céu! – Bradou.

Toda a multidão olhou para o carro.

– Cara, agora ferrou! – Gritou Júnior, que apertou o acelerador e fez o veículo cantar os pneus, rodando 180 graus, toda a multidão veio em sua direção como uma onda humana, mas Júnior engatou a marcha e, cantando novamente os pneus, disparou pela rua.

– Conseguimos! Conseguimos!

– Conseguimos nada, Júnior! – gritou Gabriel.

– Eles virão atrás da gente, vão olhar debaixo de cada pedra da cidade procurando Arthmes e não podemos voltar para a casa do Ben. Se esta multidão descobrir, podem destruir o laboratório.

– Pra onde então? – Júnior estava sem direção.

– Pro mato Júnior. Vamos sair da cidade!

A idéia de Gabriel era boa. Júnior tinha sido criado ali e conhecia bem os arredores.

15h45.

– Cara, tô morrendo de fome!

Júnior esfregava a barriga. Os três estavam no mato, uma pequena clareira fora da estrada e perto do rio, um local que Júnior ia quando era criança para chorar porque os pais estavam sempre ausentes.

– Já liguei pra Ana, agora temos que esperar as roupas e a comida.

– E o repelente, né Gabriel?

Ouviram um barulho, era Ana que vinha chegando. Gabriel foi até ela e a beijou.

– Trouxe a comida? Cadê?

– Calma Júnior!

– Calma você Gabriel, eu tô com fome!

Ana entregou a comida e contou que a cidade estava sendo revirada. Estavam indo em todas as residências e quem não abria a porta tinha a casa invadida.

No hotel, Eraldo havia colocado pessoas vigiando as entradas. Ana entrou como visitante e passou despercebida, disfarçando-se de camareira. Desta forma, entrou no quarto e conseguiu trazer roupas para os três.

– Temos que esperar escurecer e voltar para a casa do Ben. Voltaremos no carro da Ana e ligamos para o Nelson vir buscar a pick-up.

Não havia muito que fazer. Ana entregou as roupas que havia trazido. Arthmes retirou o sobretudo para trocá-lo. Por um momento os raios do Sol que atravessavam as folhas, junto com a leve brisa que purificava o ar tornaram o quadro mágico. Arthmes tinha o corpo perfeito, sem marcas, atlético, suas asas contrastavam com o azul do céu e a beleza de suas feições mostrava a nobreza de suas atitudes.

Ana se aproximou e tocou em seu ombro delicadamente. Arthmes sorriu.

– Eu sou real.

– Juro que cairia de joelhos se não o conhecesse

Mas Arthmes colocou o sobretudo e a visão se desfez.

– Que tipo de anjo é você?

– Sou Gabriel, ou era, um Anjo da Lua. Nós somos responsáveis da vigília durante o sono dos mortais.

– Para não sermos atacados durante a noite? – Disse colocando um biscoito na boca.

– Gabriel... – Arthmes balançou a cabeça, – você tem que tirar essa idéia de combates entre o bem e o mal, isso não existe. É algo criado e incutido nas pessoas pelas religiões para controle das massas.

– O que vocês faziam então? – a pergunta veio de Ana.

– Bom, vocês sabem que dia e noite não existe, é algo criado pela rotação da Terra e denominado assim pelos mortais. Existem vários tipos de energia. Muitas desconhecidas para vocês, que são intensificadas pela falta de luz solar e que bombardeiam a Terra a cada segundo. Além disso, existe a energia mental fortíssima dos mortais que nunca cessa de agir, a noite, inclusive, muito mais forte mesmo quando estão dormindo. Nós somos os responsáveis pelo desvio, encaminhamento e dissipação dessas energias.

– Trabalhinho difícil!

Todos riram da brincadeira de Júnior, havia uma paz naquele local. Apesar dos acontecimentos, do tumulto que tomava conta da cidade, aquele local pareceu ter sido poupado. Júnior tinha acertado em levá-los para lá.

– Vocês morrem?

– Não da maneira que vocês pensam, Ana. Anjos são transportados a outro nível, a uma esfera superior quando atingem determinado grau de desenvolvimento.

– E isso demora muito?

– O tempo não existe Gabriel. Só para você ter uma idéia: anjos que ocupavam tarefas na época do mensageiro de Nazaré ainda estão no mesmo cargo.

– E os que morreram durante a batalha que ocorreu no céu?

– A energia que compunha estes foi redirecionada, a criação nunca para.

– Mas, a luta..., a Batalha do Céu...

Arthmes sorriu antes de responder a Gabriel.

– Já estava perdida antes de começar.

– Então por que lutou? – a pergunta veio de Júnior.

– Para poder escolher Júnior. Para ver o que tinha do outro lado do muro.

– Está terminada!

1h30am. Ben entra eufórico na sala onde todos já estão, foi difícil chegar em casa, mas Nelson criou uma distração com a pick-up. Todos sorriram, levantaram e abraçando Ben, o felicitaram. Afinal, uma boa notícia.

– Você só me dá péssimas notícias?

– Mas..., Senhor Teobaldo... – tentava se explicar Elias – Eles sumiram! Ninguém os encontra.

– Idiota! – gritou e desligou o telefone.

– O que foi amor? – Lisa se aproximou nua e alcoolizada.

Sem responder Teobaldo mantinha-se pensativo: "enquanto Gabriel estiver vivo, eles terão a oportunidade de mandar-me de volta, tenho que resolver isto. Definitivamente."

- Prepare-se Lisa. Amanhã voltamos pra casa.

QUARTO MOVIMENTO

RESSURREIÇÃO

Nelson entrou no escritório do prefeito às 16h. A secretária disse que realmente o Senhor Teobaldo havia deixado um recado para Gabriel, entregando–lhe o papel dobrado. Tinha certo nervosismo por parte dela, havia marcado um encontro com Lisa sem Teobaldo saber no final do expediente e não queria se atrasar. Nelson pegou o papel, agradeceu e saiu rápido para a casa de Ben. Arthmes pediu-lhe que fosse na prefeitura e perguntasse, depois que os encontrassem para uma reunião e ele não queria se atrasar.

– "HOJE, AS 21h, CIDADE NOVA, PRAÇA CENTRAL, SÓ GABRIEL."

Júnior leu alto o que estava escrito.

– Como sabia que haveria este bilhete?

– Não sabia Nelson, – explicou Arthmes – pensei que ainda estariam na capital, mas, como conheço a maneira que "eles" pensam e como não fomos encontrados, resolvi tentar. E "ele" quer falar com você, Gabriel.

– Ele não vai! – Ana gritou. – Está na cara que é uma armadilha.

– Onde é o lugar?

Perguntou Gabriel sério.

– A Cidade Nova é um local onde casas populares estão sendo construídas pela prefeitura. À noite aquilo fica deserto, pouca iluminação, o local não é confiável. – Disse Nelson.

Arthmes olhou profundamente para Gabriel, que estava calado, pensativo. Enfim Arthmes falou:

– Você não vai sozinho, Gabriel.

– Ele não vai! – Repetiu Ana desta vez gritando.

– Vou sim, Ana.

Gabriel falou sem alterar a voz, o que fez Ana explodir em mil argumentos lógicos para ele ficar, Gabriel escutou tudo, impassível, até que ela terminou.

– Muita gente já morreu, eu amo estar vivo e sei que você deve ter razão, mas tenho que ir e fazer o que é certo.

– Seu certo, Gabriel, não é bom pra mim! – Os olhos de Ana imploravam e brilhavam com as lágrimas.

– O que é certo, às vezes, não é bom pra todos, mas, Ana, continua sendo o certo e tem que ser feito.

Ana não disse mais nada, as lágrimas correram de seus olhos e ela correu para o quarto, achava que tinha perdido a irmã e agora Gabriel. Quem seria o próximo?

– Estranho local e dia para marcar um encontro. – Ben falou baixo, mas Júnior ouviu.

– Como assim?

– Hoje tem uma recepção no Salão Nobre, ao lado da prefeitura. Estranho “ele” marcar tão longe.

Ben saiu da sala. Júnior apertou os olhos, pensativo.

A secretária do prefeito chegou com o coração aos pulos no discreto restaurante. Havia um misto de ansiedade e preocupação, ela se sentia com vinte anos de idade. Desde a sua experiência com Elisa, algo mudou, sua vida mudou , não, não sua vida , sua maneira de ver a vida. Seu casamento não era infeliz, ao contrário, o marido era compreensivo e amigo, um parceiro para todas as horas, mas... a experiência... sabia que a vontade havia aparecido depois de falar com o Senhor Teobaldo, tudo foi mágico, algo que a deixou completa, feliz. E felicidade não aparece todos os dias.

Sentou-se à mesa. Elisa estava à sua frente. Não sabia como começar a falar, ela queria mais, queria sempre, todos os dias. Elisa sorriu e tocou em sua mão, ela deixou.

– Tudo foi só um momento? Foi só naquele momento?

Perguntou a secretária.

– Eu já fiz muitas coisas na minha vida, muitas coisas. Não me envergonho, mas também não sinto orgulho delas.

– Todos falam do seu passado, Elisa. A diferença é que eu quero falar do futuro.

– Você tem marido e filhos...

– Os filhos sempre vão ser meus e meu parceiro vai ter que entender minha escolha, porque é minha e não dele. O que eu quero saber é de você. O que você escolhe?

– Você faz as coisas parecerem fáceis!

– Não, Elisa, elas não são, mas viver uma mentira é errado. Tenho certeza que meu parceiro não merece ser traído, então, vou dar a oportunidade a ele de ser feliz com outra pessoa.

– Eu quero tentar – Elisa abaixou a cabeça –, mas..., e se não der certo?

Ela sorriu.

– Se não der certo, vamos ser grandes amigas e continuar a viver da melhor forma.

Elisa sorriu, a secretária se aproximou e a beijou levemente, ninguém notou.

– O que vai fazer?

– Vou conversar agora com meu ex–parceiro e preparar o divórcio.

– Tenho uma cama de casal lá em casa, aliás, o apartamento é meu e da minha irmã.

– Será que ela não vai se incomodar comigo?

Elisa sorriu.

– Não. Acho até que ela vai gostar, inclusive aposto que vai dizer : “Finalmente você está tomando jeito, Elisa”.

As duas riram, respiraram aliviadas, porque uma não sabia o que a outra pensava e, no final, descobriram que uma pensava na outra.

20h50.

Nelson parou o carro em uma das ruas mal-iluminadas da Cidade Nova. Havia vergalhões, muitos montes de areia e tijolos espalhados não só nesta, mais em todas as ruas. As casas eram todas iguais e algumas ainda no esqueleto. Do lugar que pararam, podiam ver, precariamente iluminada, a praça central.

Gabriel tentou argumentar na casa de Ben, mas Nelson foi inflexível em ir, além do mais, ele conhecia todo o local. Gabriel, relutando, aceitou pedindo que ficasse de fora, protegido. Arthmes não foi, ainda o estavam procurando e Júnior saiu com Ana para encontrar Elisa, que havia ligado.

A noite dava tons macabros ao local abandonado, cada sombra parecia esconder um demônio. Gabriel saiu do carro e começou a andar em direção à praça, lembrou-se da última conversa com Arthmes.

– ...“ele” conhece você, Gabriel, seus desejos, frustrações, fraquezas, medos, “ele” é seu demônio pessoal.

– “Ele” vai me influenciar. Como posso vencê-lo?

– Você é uma boa pessoa, Gabriel, tudo que aconteceu na sua vida até hoje moldou seu caráter, sua personalidade. As experiências ruins que passou o fizeram amadurecer e o tornou o que é. Será desta maneira que vai vencê-lo, deixando o lugar de

filho e tornando-se um pai, então vai usar a Lei da Atração e nada, absolutamente nada, vai mudar o seu desejo.

– Corre Gabriel! Corre!

O grito veio de Nelson, Gabriel olhou para o lado e viu o rapaz com a arma na mão. Desesperado, correu por uma das ruas. O homem armado tentou mirar, mas havia pouca luz. Ele também correu, começando uma perseguição pelas ruas escuras. O coração de Gabriel dava pulos, tornando as pernas pesadas. Infelizmente, a rua que entrou era sem saída. Desesperado, Gabriel pensou em voltar, mas o rapaz veio apontando o revolver 38 para ele.

– Perdeu cara!

Gabriel fechou os olhos, o barulho do tiro feriu o silêncio da noite, não havia dor. "Será que morrer é assim?" Este pensamento se desfez rápido quando o rapaz à sua frente tentou falar algo, revirou os olhos e suas pernas se dobraram, ele caiu ante o olhar atônito de Gabriel, que, levantando a cabeça, viu Júnior ainda segurando uma pistola apontada para o cadáver. Gabriel foi pelo lado e retirou delicadamente a arma das mãos de Júnior.

– Obrigado.

Júnior balançou a cabeça, não acreditava no que tinha feito, mas também não se arrependia. Tinha desconfiado desde o início do bilhete e, após deixar Ana com Elisa, foi ao local do encontro com o carro dela levando a pistola de Ben, chegou a tempo de ver a perseguição e não teve dúvidas do que fazer.

Um segundo tiro feriu a noite, eles se olharam e Gabriel colocou em palavras seu único pensamento:

– Nelson!

Os dois correram de volta até o carro. Nelson estava caído na frente deste com a mão sobre o peito ensangüentado. Ficaram

de joelhos e levantaram o corpo do amigo semi-morto, que respirava com dificuldade, até que simplesmente parou.

– Eu disse pra ele largar a arma!

O desespero veio do rapaz armado que estava a apenas quatro metros de Nelson. Gabriel e Júnior não o haviam notado, só olhavam para o amigo. O rapaz gritava frases incoerentes, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– Falei pra ele: "Seu Nelson, larga a arma!", mas ele não soltou.

Elias gesticulava sem parar. Quando viu o homem com a arma de caça na mão, não o reconheceu. Nelson, com um transplante de rins, salvou a vida da mãe de Elias, desde então ajudou a família com alimentos, roupas e amizade.

– Eu gritei, pedi! Ele disse que ia falar com minha mãe!

Gabriel e Júnior se levantaram devagar, Elias chegara ao auge do desespero, calou-se e apenas olhou para o corpo de Nelson, depois para Gabriel e começou a chorar baixinho.

– "Seu" Teobaldo! – O grito de Elias feriu mais a noite que os tiros.

Então, ainda olhando para Gabriel, levantou a arma, colocando-a no ouvido, disparou. O tempo pareceu parar, Gabriel se apoiou na parede de tijolos, seus olhos correram de um corpo para o outro, o silêncio era pesado, as sombras eram pesadas, o toque da morte não veio gentil, não conseguia chorar, a respiração estava descompassada. O amigo Nelson encontrou-se com seu filho, e o infeliz Elias com todos os seus demônios. E Gabriel? Sentiu-se vazio, o vazio que dá a impotência. Nada, nem um pensamento. Mais..., algo teve que aparecer. Veio do fundo de sua alma, dos subterrâneos, uma vontade inquestionável. Ela tomou

seu corpo, envolvendo-o, só havia uma razão, uma emoção e nenhuma dúvida.

Júnior olhava toda a cena. Não era mais o garoto mimado, nem se sentia um homem, apenas um Ser Humano preso em uma teia de acontecimentos.

Gabriel moveu-se, tocou o braço de Júnior, que o acompanhou sem dizer nada. Entraram no carro de Ana, nenhum dos dois olhou para trás. Júnior dirigiu em velocidade, quando pararam estavam em frente à recepção, ao lado da prefeitura, o Salão Nobre. Júnior não saiu do carro. Gabriel desceu, estava mal-vestido, mas assim mesmo entrou no enorme salão, seus olhos o percorreram até encontrar Teobaldo. Não o conhecia, mas sentia quem era "ele", e começou a andar em sua direção. Teobaldo conversava animadamente, fingia até fumar segurando um charuto, porém, quando olhou para Gabriel, tudo desapareceu, os dois não viram ou ouviram mais ninguém.

– Você é difícil de morrer.

Apesar do gracejo Gabriel continuou calado, apenas olhava, ali na sua frente estava toda a causa de seus problemas, ali estava o "seu" problema, o mal personificado, mas era o "seu" mal. Teobaldo, ante seu silêncio, sorriu tentando desestabilizá-lo, mas Gabriel estava impassível, o sorriso se desfez e a respiração de Teobaldo tornou-se apreensiva.

– Quero você hoje a meia-noite na máquina que o trouxe.

Teobaldo virou a cabeça como se levasse uma tapa, seus olhos demonstravam surpresa, havia uma vontade desconhecida naquelas palavras. E "ele", que acompanhou Gabriel nos bares da frustração e que o viu recusar oportunidades de melhorar sua vida financeira e sentimental, mais de uma vez, por medo de arriscar. Agora estava diante de um homem que afirmava o que

queria e sem dúvidas que o conseguiria. E a certeza era tão grande que Gabriel virou-lhe as costas e começou a andar para a saída. No mesmo instante, Teobaldo sentiu no ar, a sua volta, a energia da Lei da Atração, o Universo estava se remodelando à vontade de Gabriel rapidamente, ele estava pronto. Teobaldo ainda olhou, procurando Gabriel, mas ele já havia deixado o recinto, estava entrando no carro.

– Pra onde?

– Pra casa do Ben, Júnior.

Júnior arrancou com o veículo, nenhum dos dois olhou para trás.

– Me diga tudo de Deus!

Laboratório, casa de Benjamim.

– Você não compreenderia – Arthmes sorriu –, ninguém compreenderia. Não existem palavras no vocabulário da Terra para descrevê–lo.

– Mas você já o viu!

– Vi sua glória, Ben.

– Como assim “sua Glória”?

Arthmes ficou calado, estava procurando as palavras certas, seria difícil explicar a Benjamim.

– A glória de Deus é quando “ELE” se movimenta, ou quando “ELE” ama, o que é a mesma coisa. Cada movimento faz aparecer uma galáxia. “ELE” é a força da transformação de tudo e em tudo que existe. Quando se vê o brilho de sua glória, que só é permitido aos anjos, não vemos mais nada.

– Mais nada? Então os anjos...

Arthmes riu.

– Somos todos cegos Ben. Não precisamos mais enxergar, porque podemos sentir tudo a nossa volta, todas as energias que compõe o Universo, inclusive as energias mentais dos Humanos.

Ben sentou-se, pensou um pouco e olhou para Arthmes.

–Sempre quis falar com vocês, entendê-los, talvez ajudar a humanidade a crescer espiritualmente e de repente... você parece tão... humano.

Arthmes vagarosamente sorriu. Ben pôde sentir o rosto dele ficar mais iluminado.

– Obrigado pelo elogio Ben.

– Isto foi um elogio?

Arthmes estavam com os olhos rasos d'água.

– A mais de dois mil anos Ben, troquei uma eternidade por um momento, sabia do resultado e assim mesmo resolvi experimentar novas sensações. Quando tudo terminou tinha perdido mais que o céu, perdi minha natureza. Tenho tentado entender o que sou desde que comecei esta aventura – e novamente sorriu. – Vou explicar: um demônio é um demônio, não importa o que faça, sua natureza é o raciocínio frio sem se importar como chegar aos resultados. E um anjo é um anjo, sua natureza é proteger, é obedecer e ponto final.

–Quem sabe..., sua natureza pode ser Humana!

Arthmes riu agora bem alto.

– Eu duvido muito! Mas... no momento... é muito bom ter o melhor dos dois Mundos.

– E talvez seja esta a sua natureza.

– Pode ser... O importante é que eu tenho muito orgulho delas, meu amigo.

A porta do laboratório explodiu pela violência que foi aberta, Ana sem fôlego e chorando apareceu.

– Ben, Arthmes... Nelson morreu.

Eles a acompanharam até a sala, Gabriel e Júnior lá estavam e contaram o que havia acontecido na Cidade Nova. Depois, Gabriel contou o que ocorreu no Salão Nobre.

– O que vamos fazer?

– Vamos esperar Ana – falou Arthmes. – Vamos esperar até a meia–noite.

– Acredita, realmente, que ele virá?

23h55

– Acredito Ben, – e Arthmes olhou para Gabriel sentado, impassível – ele virá.

Todos estavam no laboratório, menos Walter e Júlia.

– O que não significa que farei algo!

A alta voz vinha da porta, todos olharam, menos Gabriel, lá estava Teobaldo. Gabriel se levantou e deu um passo à frente.

– Entre na máquina.

Teobaldo riu e balançou a cabeça negativamente.

– Não é assim, Gabriel. Você usou bem a Lei da Atração, mas, diferente dos anjos – falou e olhou para Arthmes –, nós temos a opção para escolher, não somos estes paus-mandados.

– Você matou muita gente!

Teobaldo virou–se para a dona da voz, sorriu, apontou o dedo e falou em tom de gracejo.

– Você é Ana, irmã de Elisa. É, tem razão, mas só em parte, na verdade o que mata as pessoas são seus próprios medos, seus próprios segredos. Eu só lembrava que eles existiam. Olhe para Elisa, está feliz, e sabe por quê? Porque assumiu e enfrentou seus próprios demônios.

– Entre na máquina.

Teobaldo abriu os braços.

– Gabriel... pense bem, o que você tinha antes? Uma vida frustrada, apagada. Posso mudar isso, posso dar o que você quiser. Seus sonhos, lembra? Seus livros sairão da gaveta, será admirado, uma vida melhor, sem privações...

Os olhos de Teobaldo ficaram vermelhos. Ana ia dizer algo, mas Arthmes a conteve, sabia que Gabriel devia trilhar esta estrada sozinho.

Várias imagens passavam no devaneio de Gabriel, família, amores, sexo, trabalho, nada ficou de fora. Principalmente suas tristezas.

– ...este é o momento de resolver sua vida, este é o nosso momento. Acorde! E faça agora o que deve ser feito.

– Não preciso acordar – disse serenamente e o olhando fixamente. – Eu não tenho mais segredos, isto é coisa de criança.

Teobaldo olhava incrédulo, mas Gabriel continuou.

– Adultos não têm segredos para si mesmos. Adultos transformam os segredos em experiência, com isso amadurecem e se tornam senhores de suas vidas.

Teobaldo deu um sorriso de desdém.

– Entre na máquina Teobaldo, não tem mais nada a fazer aqui.

A voz de Gabriel era resoluta e Teobaldo, sério, caminhou até o DECONAM e entrou, virou-se e olhou para todos, então sorriu para Arthmes.

– Lúcifer mandou lembranças e avisa que não esquecerá!

Arthmes olhava sério.

– Diga a ele que também não esqueço. – Foi a resposta.

– Gabriel! Temos um problema! – a voz de Ben era apreensiva.

– O que foi?

– Pelos meus cálculos, preciso que você entre também. Vocês têm um centro de magnetismo em comum. Na entrada para nossa realidade, ele foi cortado. Para se unirem, é necessário que você entre também.

– E aí Gabriel! – Teobaldo falou sorrindo maliciosamente. – Vai assumir agora sua maturidade?

Teobaldo ria alto, sua voz solitária ecoava no laboratório. Mas Gabriel, com passos firmes, caminhou e entrou na máquina. Teobaldo olhou por cima do ombro de Gabriel na sua frente e Arthmes notou o tom de orgulho em sua expressão e pensou.

"Enfim Teobaldo notou o quanto valia ser o demônio de alguém com tanta coragem. Teobaldo encontrou seu lugar e Gabriel achou o seu"! Pensou.

Todos estavam apreensivos, sabiam dos perigos envolvidos. Ben ligou e o processo foi iniciado, o que se passava pela cabeça de Gabriel enquanto o tubo enchia-se de névoa e nublava sua visão? Apenas uma certeza, que fazia o que era certo.

– Gabriel? Está acordado?

A voz era conhecida, Gabriel abriu os olhos vagarosamente, primeiro eram imagens difusas, então, aos poucos, tornaram-se nítidas.

– Oi gente!

Gabriel sorriu deitado na cama de Ben, todos estavam a sua volta e também sorriram.

– Dormi muito?

– Umas doze horas – falou Ana.

Gabriel sentou-se e sacudiu a cabeça, estava sentindo-se bem.

– E aí? Funcionou?

– Foi perfeito! – Ben tomou a palavra, – vocês estão novamente juntos, quero dizer, você na sua realidade e “ele” na dele.

– E o DECONAM? – Perguntou Gabriel desconfiado.

– Acabou. Ainda falta muito para as pessoas aprenderem a mexer com o que não vêem. – Ben falava sério. – Acho melhor o Mundo descobrir sozinho como resgatar suas faltas, espiritualidade é algo que se conquista a cada dia e pela vontade de cada um.

– Então acabou. – Disse Gabriel aliviado.

– É, acabou – ecoou uma voz profunda no ambiente.

Todos olharam para Arthmes. Esse, afinal, era o acordo e Arthmes agora voltaria para casa.

– E sua irmã?

Ana começou a contar para Gabriel que a secretária do prefeito e Elisa estavam se entendendo, ela tinha se separado e as duas resolveram morar juntas. O prefeito perdeu o apoio político. Sem a influência de Teobaldo, os empresários recusaram as propostas, dificilmente ele seria reeleito.

– E sobre Nelson?

Disseram a Gabriel que a conclusão da polícia para o caso foi assalto e uma notícia surpresa: Walter e Júlia haviam viajado as pressas para outra cidade e sem data para voltarem.

– Ficamos pouco tempo juntos e aconteceram muitas mudanças.

Ninguém respondeu a Gabriel, todos haviam crescido, todos deixaram de ser crianças. Os cortes eram profundos, mas iriam cicatrizar e estas marcas se tornariam lições de vida, não segredos.

Entraram no carro. Arthmes tinha pedido para Júnior levá-los ao único lugar que tinham sentindo paz naqueles dias conturbados, os arredores da cidade. Quando chegaram, já eram 8h50pm, a noite estava calma. No céu, uma grande Lua cheia coroava e iluminava o cenário, o rio fluía fazendo um barulho suave e acalentador.

– O que acha que vai acontecer com Eraldo?

– Não sei Júnior, mas... – ponderou Arthmes. – Espero que mude de atitude. Ele é um daqueles pequenos homens que lhe falei e, se não mudar, o estarão esperando quando morrer.

– Mas não você.

Arthmes de pé, perto da margem, retirou o sobretudo.

– Não Gabriel, eu não.

E sorrindo abraçou Ben, depois Ana, então olhou para Júnior e Gabriel, por um segundo lembrou do dia em que se conheceram. Na verdade os três lembraram e começaram a rir, um olhando pra cara do outro. Abraçaram-se, o som do silêncio da amizade foi ouvido, a sinfonia perfeita que o Mundo tanto precisa.

Arthmes se afastou até perto da margem com árvores altas ao redor. Ficou com as mãos postas, fechou os olhos e abriu totalmente as asas. A cena começou a mudar, braceletes prateados com inscrições apareceram em seus pulsos e tornozelos, um manto branco com bordas também prateadas foi cobrindo seu corpo enquanto uma luz muito clara foi surgindo atrás de sua cabeça até formar uma auréola. Seu corpo ficou todo iluminado, clareando o local. Os filetes prateados que brilhavam em sua aura tornaram o ar mais límpido. A visão era linda e única. Arthmes abriu os olhos e a luz saiu também por eles.

– Cuida do Nelson!

Quando Arthmes respondeu a Júnior, sua voz preencheu o local como se estivesse em volta de todos.

– Ele está ao seu lado Júnior. Sorrindo e de mãos dadas com o filho.

Arthmes ergueu os braços.

– Não esquece a gente!

– Não vou esquecer Gabriel, lembre-se: – e sorriu – eu não sou muito ortodoxo.

Todos sentiram uma pancada rápida e forte de vento. Em um momento, um instante, a figura de Arthmes sumiu. Gabriel olhou pra cima e viu uma estrela cadente subindo, indo em direção à Lua, logo ela desapareceu. Todos se viraram e foram em direção ao carro, menos Júnior, que continuava olhando o local vazio e escuro à sua frente. As tristes recordações da infância tinham sumido, outras melhores tomaram seu lugar, Júnior olhou para cima sorrindo.

– Obrigado Arthmes.

Ele virou-se e foi para o carro. Não houve resposta, nem precisava.

FIM